

QUAL O LUGAR DAS EMOÇÕES NA LINGUÍSTICA DO SÉCULO XX?¹

WHAT IS PLAVE OF EMOTIONS IN LINGUISTICS OF THE XX CENTURY?

Catherine Kerbrat-Orecchioni²

Resumo: Qual foi o espaço que a linguística do século XX dedicou às emoções? Responderei de modo geral: um espaço relativamente mínimo. Esse espaço era “mínimo”, porque certamente o problema da expressão das emoções não consistia numa das preocupações centrais para a maioria dos linguistas do século passado. Mas era também “relativamente” mínimo, porque, quando examinamos mais atentamente o panorama da linguística nesse período, descobrimos que a massa de fatos pertinentes sobre o plano das emoções, passível de ser recolhida na literatura especializada, é na verdade considerável. Dado o volume dessa massa, descobrimos também que é impossível apresentar em algumas poucas páginas os resultados de nossa coleta. O inventário desses fatos que apresentaremos aqui será, portanto, panorâmico. Para realizar sua apresentação, após termos hesitado entre as abordagens histórica e tipológica, optamos, finalmente, por uma solução mista.

Palavras-chave: Emoções. Linguística. Século XX.

Abstract: What is the place taken by linguistics of the XX century to emotions? I answer it in general terms: a relatively minimal place. This space was “minimal” due to the problem of the emoions expression did not mean to be a central concern to the majority of the linguists from the last century. But it was relatively “mininal” because when we examine more carefully the scenario of the linguistics at the time, we find out that the mass of facts about the emotions, which are there to be a central part of the specialized literature, is noticeable. Considering the amount of this mass, we also find out that it is possible to present in some few pages the results of our work. The list of these facts we are going to present here is, therefore, panoramic. Since we have hesitated to work with a historic or a typological approach, we finally decided to a joint solution.

Keywords: Emotions. Linguitics. XX Century.

1 Panorama cronológico geral

Nesta seção, com vistas a simplificar o quadro geral, distinguiremos três grandes períodos:

¹ Tradução de Carlos Piovezani (UFSCar / CNPq) e Myllena Nascimento (UFSCar / FAPESP). Carlos Piovezani é Docente da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: cpiovezani@ufscar.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3612-983x>. Myllena Nascimento é Mestra em Linguística pela UFPB e doutoranda em Linguística no PPGL/UFSCar, com bolsa da FAPESP. Atualmente, também com bolsa da FAPESP faz estágio de doutorado na *Cergy Paris Université*. E-mail: myllenaaraujonascimento@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7480-9265>.

² Professora emérita da Université de Lyon II. Doutora em Linguística pela Ecole Normale Supérieure de Lyon. E-mail: catherine.kerbrat.orecchioni@gmail.com. Google Scholar Citations: <https://scholar.google.com/citations?user=9aMno-MAAAAJ&hl=fr>

1.1. As fundações da linguística moderna

Leiamos, inicialmente, estas duas passagens da obra *Language*, de Edward Sapir³, cuja primeira edição data de 1921:

A linguagem é um meio de comunicação exclusivamente humano, e não instintivo [...], que funciona por meio de um sistema de símbolos criado para esse fim. (1967. p. 12)

Em suma, devemos admitir que a formação das ideias é preponderante na linguagem e que a volição e as emoções emergem secundariamente como fator acessório. [...] Os desejos, os anseios e as emoções são nuances pessoais que tingem o mundo objetivo. Eles se resumem a estados individuais da alma e interessam pouco à alma vizinha. Isso não quer dizer que a volição e as emoções não podem ser expressas. De fato, esses estados de alma jamais estão ausentes da fala normal, mas sua expressão pura não é verdadeiramente algo próprio do domínio linguístico. As nuances de ênfase, a composição das frases, a rapidez e a continuidade da elocução, os gestos que a acompanham, tudo isso exprime um pouco de sentimento de pulsões internas, mas, como meios de expressão, são, em última análise, apenas formas modificadas de manifestação instintivas e partilhadas pelos humanos com os animais. Esses elementos extralinguísticos não podem ser considerados como algo que faz parte da concepção cultural da linguagem, mesmo que eles sejam inseparáveis de sua vida. [...]

A maior parte das palavras, como praticamente todos os elementos da consciência, comportam uma parte afetiva, muito pouco consciente, mas bastante real, e às vezes mesmo insidiosamente potente, que é resultante do prazer ou da dor. Essa parte afetiva não é em geral inerente à própria palavra. Antes, consiste numa excrescência sentimental posta sobre a base da palavra ou do seu núcleo conceitual. [...] Essas associações afetivas não têm nenhum interesse para o ponto de vista da ciência linguística. (1967, p. 42)

Assim, para Sapir, as manifestações emocionais “não têm nenhum interesse para o ponto de vista da ciência linguística”, porque elas:

- são “partilhadas pelos humanos com os animais”;
- têm origem instintiva e são, portanto, naturais e motivadas;
- são de natureza puramente individual e, por extensão, correspondem a algo incomunicável, enquanto a linguagem propriamente dita tem como característica o

³ Nessa e nas demais citações, nós é que destacamos algumas palavras, expressões e trechos, sublinhando-os.

fato de ser exclusivamente humana e de ser composta de “símbolos”, ou seja, de signos inteiramente convencionais, partilhados pelo conjunto da comunidade de falantes.

Esse ponto de vista é amplamente compartilhado na época. Mencionaremos, contudo, duas notáveis exceções, derivadas de duas grandes correntes fundadoras da linguística moderna.

1.1.1. O estruturalismo saussuriano: Charles Bally

Que lhe feita justiça: ninguém foi mais longe do que Bally no reconhecimento da importância da “linguagem expressiva, veículo do pensamento afetivo”. Sua posição sobre a dimensão afetiva da linguagem era ao mesmo tempo obstinada, corajosa e um pouco patética, já que ele se viu forçado a se dissociar, nesse ponto fundamental, de Saussure, aquele “mestre incomparável”, tal como ele próprio testemunhou num texto publicado no *Journal de Genève*, na edição do dia 10 de abril de 1957:

No entanto, esse mestre incomparável não se deteve especialmente nas questões pelas quais eu me apaixonaria mais tarde, aquelas que concernem particularmente a linguagem expressiva, veículo do pensamento afetivo. (Bally citado por Caffi & Janney, 1994, p. 335).

No Sumário de sua obra *Langage et la vie*, cuja primeira edição data de 1913, Bally expõe sob a forma de silogismo sua posição sobre as relações entre a linguagem e a afetividade:

- A linguagem natural é a expressão da vida, individual e social;
- Ora, a vida se caracteriza pela importância do papel desempenhado pelos elementos afetivos;
- Portanto, esses elementos também têm um lugar importante na linguagem. Por essa razão, a linguística deve se interessar por eles, uma vez que seu objetivo é o de “revelar a verdadeira natureza da linguagem”, que “não tem como função construir

silogismos, arredondar os períodos ou se dobrar às leis de composição dos versos alexandrinos. A linguagem está simplesmente a serviço da vida, em todas as suas manifestações”, aí compreendidas, evidentemente, as afetivas:

O objetivo deste trabalho é o de mostrar que a linguagem natural recebe da vida individual e social, da qual ela é a expressão, os caracteres fundamentais de seu funcionamento e de sua evolução. Todos os fenômenos da vida são caracterizados pela presença constante, e muito frequentemente predominante, dos elementos afetivos e volitivos de nossa natureza. Em seu funcionamento, a inteligência desempenha somente um papel, aliás, muito importante, de meio. Disso deriva a constatação de que a onipresença desses caracteres afetivos na linguagem natural impede que a consideremos como uma mera construção puramente intelectual. A exposição desses princípios visa ainda a estabelecer num quadro psicológico a ordem de pesquisas, que chamei de estilística. Com essas pesquisas, busquei destacar o quanto seria importante para a linguística estudar a linguagem como expressão dos sentimentos e como instrumento de ação. (Bally, 1935, p. 7-8)

A parte da linguística que tem por vocação descrever os elementos expressivos da língua em relação com os elementos intelectuais é, portanto, a estilística, que recebe, assim, uma redefinição radical: ela não é mais o estudo do texto literário (estilística dos “gêneros” literários e das “figuras” de linguagem), mas a análise dos “procedimentos e dos signos pelos quais a língua produz as emoções”.

Diante dessa redefinição de Bally, gostaríamos de fazer duas observações a respeito de sua concepção sobre as relações entre a linguagem e as emoções:

- Em sua perspectiva, a estilística passa efetivamente a ser uma parte da linguística, na medida em que os signos e procedimentos de que trata Bally estão na língua. Daí deriva sua preocupação central em saber se os valores emocionais veiculados pelos enunciados procedem de suas características internas ou se eles resultam de fatores externos, que se inscrevem, antes, na enunciação, ou seja, em fatores e aspectos da situação de fala e nos elementos prosódicos e gestuais que a acompanham:

Mas de onde vem a emoção? Das palavras ou frases que a linguagem torna possíveis? Ou da maneira mais ou menos pessoal como as frases foram pronunciadas, dos gestos significativos, da gestualidade expressiva, das

palavras usadas de novos modos, em suma: da linguagem própria de cada falante? Ou, finalmente, da realidade pura e simples da qual a palavra é a tradução material, das circunstâncias em que foi pronunciada, de sua situação? (Bally, 1935, p. 75)

A ideia de Bally é a de que os valores emocionais procedem desses três planos. Seria preciso, porém, lhes reconhecer importâncias variáveis, de acordo com os diferentes casos. Sua hipótese é a seguinte: quanto mais uma forma for marcada afetivamente na língua, menor será a necessidade de a emoção estar presente em elementos dos dois outros planos. O inverso também seria verdadeiro. Isso não impede, no entanto, que se possa reconhecer um “tesouro expressivo” (havemos de nos recordar de que a palavra “tesouro” é utilizada por Saussure para designar a língua”.

- De mesmo modo como Sapir o fazia, Bally também atribui aos signos linguísticos as mais “puras” propriedades da arbitrariedade e da linearidade. Ora, a expressividade não cessa de lutar contra essas duas propriedades. Essa estilística, para a qual Bally lança as bases, é, portanto, de certa forma paradoxal, o estudo do que “não é linguístico na língua”. Assim, assistimos sob sua pluma a uma espécie de luta épica entre as pulsões expressivas, que tentam forçar as barreiras da língua, e a própria língua, que se esforça para “reduzir” e para “recalcar” a expressividade. Quanto mais um signo estiver carregado de afetividade, menos ele seria verdadeiramente linguístico, e quanto mais ele se tornar linguístico, mais ele perderá sua carga afetiva:

Desde que a língua se apodera dele, o signo expressivo, levado de boca em boca por sua própria expressividade, acaba por se descolorir e por se reatualizar. Ele perde pouco a pouco sua energia. [...] A perda da expressividade torna o signo arbitrário e o reduz à notação pura e simples de um conceito. (Bally, 1935, p. 43)

Quando a língua atinge seus objetivos, o signo linguístico se torna puramente convencional, ou, como diz Saussure, arbitrário. (Bally, 1935, p. 80)

1.1.2. O funcionalismo de Praga

No que diz respeito à célebre “função expressiva” de Roman Jakobson, salientaremos apenas que ela vem diretamente de Karl Bühler e seu esquema sobre as funções da linguagem, tal como figura em seu *Organon* (1934), no qual a função expressiva (*Ausdruckfunktion*) se opõe à função de representação (*Darstellungsfunktion*) e a função de interpelação (*Appellfunktion*). O que encontramos em Jakobson é a ideia da gradação dos fenômenos expressivos, que se realizam em estado puro nas interjeições, mas que também estão presentes de forma mais diluída em todos os tipos de fatos de linguagem (sobre os quais, aliás, Jakobson não elaborou um inventário sistemático):

A função dita “expressiva” ou emotiva, centrada no emissor, visa uma expressão direta da atitude do falante em relação a seu interlocutor. Essa função tende a dar a impressão de uma certa emoção, real ou fingida. [...] A carga puramente emocional na linguagem se concentra nas interjeições. Elas desviam-se dos processos referenciais de linguagem tanto por sua configuração fônica [...] quanto por seu papel sintático [...]. A função emocional, evidente nas interjeições, colore até certo ponto, em graus variados, tudo o que dizemos, nos níveis fônico, gramatical e lexical. (Jakobson, 1963, p. 214)

Para concluir esta seção dedicada às fundações da linguística moderna, diremos que é possível identificar entre todos esses autores um certo consenso sobre a descrição e a classificação dos fenômenos afetivos: todos admitem a distinção entre elementos intelectuais *versus* elementos afetivos, bem como a tripartição de Bühler entre “ideação”, “vontade” e “emoção” (para usar os termos de Sapir). Mas as opiniões divergem quanto à importância relativa desses três componentes na linguagem e, correlativamente, quanto à questão de saber se a linguística deveria ou não se interessar pelo componente afetivo. É aqui que reside o cerne da luta que estava sendo travada. No campo de batalha, podemos distinguir quatro posições:

- Os partidários da exclusão radical: Sapir (ver cit. (1)), mas também Sechehaye, o outro editor do Curso de Saussure, cujo posição sobre este ponto é oposta à de Bally

(a “gramática afetiva” é para Sechehaye apenas uma coleção de fatos marginais)⁴; ou Joos e Saporta (cujo “reducionismo” é violentamente criticado por Jakobson, cf. cit. (8)), e muitos outros linguistas posteriores como Martinet ou Kurylowicz (1960, citado em Stankiewicz 1964, p. 242, n. 1):

Tentativas ocasionais de compreender o sistema da linguagem por meio de suas realizações sempre se basearam na suposição mais ou menos tácita, mas justificada, de que a função de representação ou a função simbólica (*Darstellungsfunktion*, de Bühler) era a única que merecia atenção. [...] As funções expressiva e apelativa, na medida em que têm uma característica espontânea e não convencional, somente aparecem na fala e se inscrevem, antes, em uma teoria das atividades humanas do que em uma teoria dos signos.

- Aqueles que, como Jakobson, admitem a supremacia da função “cognitiva” (ou “ideacional), considerando que “a linguagem deve ser estudada em todas as suas funções”:

Obviamente, concordamos de modo geral com Sapir quanto ao fato de que “a ideação reina suprema na linguagem”, mas essa supremacia não autoriza os linguistas a negligenciar “fatores secundários”. Os elementos emocionais do discurso, que, de acordo com Joos, não poderiam ser descritos nem “por meio de um número infinito de categorias absolutas”, são classificados por ele entre os “elementos não linguísticos do mundo real”. Portanto, conclui Joos, “para nós, os elementos emocionais permanecem fenômenos vagos, proteicos e flutuantes, e nós nos recusamos a tolerá-los em nossa ciência”. Joos é, de fato, um brilhante especialista em experimentos de redução. Ao exigir que os elementos emocionais sejam expulsos da ciência da linguagem, ele está embarcando em um experimento radical de redução – *reductio ad absurdum*.

A linguagem deve ser estudada em toda a sua variedade de funções. [...] Se analisarmos a linguagem do ponto de vista das informações que ela transmite, não temos o direito de restringir a noção de informação ao aspecto cognitivo da linguagem. [...] Assumir, com Saporta, que as diferenças emocionais são elementos não linguísticos, “atribuíveis à execução da mensagem, e não à mensagem em si”, é reduzir arbitrariamente a capacidade informativa das mensagens. (1963, p. 213)

- Os que, como Ullmann, se recusam a hierarquizar as diferentes funções da linguagem:

⁴ A propósito dessa questão, ver Meunier (1984).

A linguagem é a expressão integral da alma humana. Portanto, ela tem a mesma constituição complexa e instável de nossa vida psíquica. Em princípio, todo ato de fala conterà elementos do pensamento, da vontade e do sentimento. Na prática, como de costume, será uma questão de dosagem, de mais ou menos: cada um dos três elementos pode predominar ou praticamente desaparecer, e haverá uma gama infinita de soluções intermediárias. [...] As funções afetivas da linguagem são tão fundamentais quanto suas funções intelectuais, portanto, é natural que todos os setores do sistema linguístico estejam associados a elas. (1952, p. 147)

- Aqueles, enfim, bastante minoritários, que concedem um lugar central aos fenômenos afetivos – além de Bally, podemos mencionar o caso bastante particular de Van Ginneken, que em seus *Princípios de linguística psicológica* (1907), sustenta que a linguística tem o dever de estudar os fundamentos psíquicos da linguagem, porque esse seu estrato afetivo é “primário” nos seres humanos tanto ontogênica quanto filogenicamente (ver o capítulo “Os selvagens praticamente só exprimem sentimentos”, p. 239). Essa ideia é mais ou menos frequentemente compartilhada por vários autores, mas no interior de certo consenso a seu respeito há posições e avaliações variadas e mesmo opostas. Na maioria das vezes, elas são negativas (tais como as de Secheyay ou de Sapir, que veem as “excrecências sentimentais” como um tipo de resíduo que polui a pureza da língua), mas também, às vezes, podem ser bastante positivas, como as de Van Ginneken, ou de Bréal, tal como constatamos nesta passagem:

Aqui, novamente, podemos supor que o elemento subjetivo é o mais antigo. [...] Devemos começar a conceber a partir de que ponto de vista o homem estruturou sua linguagem. A fala não foi feita para a descrição de algo, para as narrativas, para as considerações desinteressadas. Expressar um desejo, emitir uma ordem, marcar o vínculo entre pessoas e reivindicar a posse de objetos – esses foram os primeiros usos da linguagem humana. Se descêssemos um ou mais degraus e procurássemos os primórdios de nossa linguagem na linguagem dos animais, descobriríamos que nos animais o elemento subjetivo reina absoluto, descobriríamos que esse elemento é o único a ser expresso, é o único a ser compreendido. Esse elemento é o que concentra toda a faculdade de sua compreensão e toda a matéria de seu pensamento.

Não se trata, portanto, de algo acessório, de uma espécie de sobre-afetação, mas, ao contrário, de uma parte essencial da linguagem, e sem dúvidas de

um seu fundamento primordial, ao qual o restante foi sucessivamente acrescentado. (1897/1976, p. 243).

1.2. O período intermediário

1.2.1. A posteridade de Bally

Essa posteridade se exerce em várias direções.

1.2.1.1. A partir da década de 1950, a estilística passou por um desenvolvimento considerável, tanto na estilística da língua (em uma tendência de acordo com o projeto de Bally: Cressot 1947, Sauvageot 1957, Marouzeau 1959; e em uma estilística comparada, como a de Vinay & Darbelnet 1958, etc.) quanto na estilística da fala, ou seja, nesse caso, essencialmente uma estilística dos textos literários (cf. a “nova estilística”, de Spitzer⁵).

Em todos esses autores, encontramos, em linhas gerais, o mesmo inventário de recursos e procedimentos linguísticos aceitos como os melhores vetores potenciais de afetividade: os recursos e procedimentos fonéticos e prosódicos (o que proporcionava o desenvolvimento da “fonoestilística”)⁶, tais como interjeições, exclamações e frases exclamativas, e os recursos e procedimentos morfológicos e retóricos, tais como sufixos diminutivos e aumentativos e ainda outros meios morfológicos de atenuação e de intensificação, ordem das palavras e, em particular, a anteposição do adjetivo, vocabulário, tropos e figuras etc.

1.2.1.2. No que respeita ao vocabulário, a distinção entre “significado intelectual” e “significado afetivo” é adotada pela maioria dos semanticistas⁷. O componente afetivo do significado recebe até mesmo um significante mais ou menos específico: “conotação”.

⁵ É preciso observar, no entanto, que em 1949 Spitzer dedicou um capítulo inteiro de *A Method of Interpreting Literature* à análise de um “anúncio” da marca americana de laranjas “Sunkist”. Ele justificou essa sua análise com os seguintes termos: “essa forma de arte, embora não seja comparável em nobreza aos textos que o estudioso da literatura analisa em geral, oferece, contudo, um ‘texto’ no qual podemos ler, tanto em suas palavras quanto em seus dispositivos literários e pictóricos, o espírito de nosso tempo e o gênio de nossa nação.” (A tradução francesa desse estudo foi publicada no número 34 da revista *Poétique*, em 1978).

⁶ Conferir a distinção estabelecida desde 1924 por Marouzeau entre “acento intelectual” e “acento afetivo”.

⁷ Ver, por exemplo, Ullmann (1952, p. 152 e segs.), “O valor afetivo das palavras”. Essa noção de “valor afetivo” foi posteriormente criticada, entre outros, por Lyons: “O termo afetivo desempenha o papel de um ‘apanhado geral’ que engloba um bom número de fatores fundamentalmente distintos [...]. Deveríamos desistir de chamar de ‘associações afetivas’ tudo o que não podemos encaixar na categoria de significado cognitivo” (Lyons, 1970, p. 344).

Embora o termo “conotação” abranja um conjunto muito heterogêneo de valores “adicionais”⁸, a subclasse de valores afetivos ocupa um lugar especial nesse conjunto, a tal ponto que alguns autores, apoiados em sua acepção no *Dictionnaire du Français Contemporain* (cit. 11), não hesitam em equiparar ‘conotação’ e “valor afetivo”, tal como fazem Molino e Cosnier:

Conotação: Todos os valores afetivos assumidos por uma palavra além de seu significado (ou denotação) (*Dictionnaire du Français Contemporain*, 1966).

A conotação pode ser tanto uma modificação expressiva voluntária da mensagem quanto uma modificação expressiva involuntária. (Molino, 1971, p. 20)

A conotação é a indexação afetiva ligada a uma representação de uma coisa e sua representação verbal. Ela pode ser social e convencional ou individual e idiossincrática. (Cosnier, 1994, p. 113)

É também a essa concepção de conotação que Osgood se refere. Com seu conhecido teste “diferencial”, ele visa a identificar, com base em vários testes realizados com informantes e com base em várias características – cerca de vinte escalas bipolares, como “avaliação” (boa/ruim), “poder” (forte/fraco) ou “atividade” (rápida/lenta) – o perfil conotativo de um conjunto de termos em qualquer campo semântico.

Dito isso, é preciso acrescentar que o fato de renomear os valores afetivos como “conotações” obviamente não resolve os problemas que surgem em relação a esses valores e, em particular, não resolve a questão de saber se eles pertencem à linguagem ou ao discurso: tudo depende do caso, afirmam Cosnier ou Eco, para quem certas conotações afetivas estão cristalizadas no sistema comum, enquanto outras devem ser consideradas estritamente idioletais, considerando ainda que essa distinção seria evidentemente gradual:

É possível que grandes grupos humanos associem uma série de conotações emocionais à denotação das expressões “campo de concentração” ou “câmara de gás”. A “mensuração do significado”, praticada por Osgood, é uma forma empírica de determinar o grau de institucionalização das

⁸ Ver Voir Kerbrat-Orecchioni 1977, para valores adicionais, de modo geral, e, particularmente a seção entre as páginas 105-110, para as conotações afetivas.

conotações emocionais associadas a um termo que serve como *stimulus*. (Eco 1972, p. 108)

Também não se resolve a questão de saber quais tipos de conteúdos se inscrevem exatamente na dimensão afetiva, e, em particular, onde se situa a fronteira entre dois tipos de categorias semânticas que estão próximas umas das outras e ao mesmo tempo se distinguem umas das outras: a categoria *afetiva* e a categoria *axiológica* (que dizem respeito tipicamente à escala “avaliação”, de Osgood. Com efeito,

- Trata-se justamente aqui, em princípio, de duas categorias distintas: podemos muito bem expressar alguma atitude emocional em relação a um objeto X, sem fazer nenhum julgamento de valor sobre esse objeto (“X me perturba” não implica necessariamente que X seja bom ou ruim); por outro lado, podemos considerar “friamente” um objeto que estamos avaliando axiologicamente (“é bonito, mas me deixa com frio”)⁹.
- Mas, de fato, nem sempre é fácil estabelecer essa distinção.

Inicialmente, não é fácil estabelecê-la, porque, ao lado de termos afetivos não axiológicos (“emocionante”, “perturbador”, “agradável” etc.) e de termos axiológicos não afetivos (“bonito”, “bom” etc.), convém conceder um lugar aos termos que são nesse quesito intrinsecamente mistos e que exprimem ao mesmo tempo um juízo de valor e uma manifestação afetiva por parte do falante (“admirável”, “desprezível” etc.). Essa é a categoria à qual pertencem os “marcadores de satisfação e insatisfação”, descritos por Danjoux-Flaux. Essa autora define esses marcadores da seguinte forma:

Uma das formas mais discretas da afetividade no discurso é aquela que ocorre por meio de “marcadores de satisfação e insatisfação”. Nós os compreendemos como palavras ou frases que expressam, de forma exclamativa, uma avaliação positiva ou negativa de um evento ou de um enunciado (Exemplos: “Felizmente!”, “Tanto faz!”, “Que pena” etc.) (1975, p. 289).

⁹ Cf. Ziff (1960, p. 221): “good has a relatively dispassionate feeling”.

O termo “apreciação” é geralmente usado para neutralizar a oposição que está aqui em questão, ou seja, a oposição entre a expressão de um sentimento e a formulação de um juízo avaliativo¹⁰. Por outro lado, parece que os termos axiológicos que não são intrinsecamente afetivos podem facilmente se tornar afetivos no discurso, graças a uma construção ou a uma configuração prosódica apropriada. Mais uma vez encontramos Bally (1935, p. 19): ele indica que declarações como “É bonito” ou “É uma obra-prima” normalmente expressam um julgamento puramente intelectual, mas constata também que não é preciso muito para que se tornem um meio para o falante “manifestar bastante livremente sua admiração” (“Que bonito!”, “Que obra-prima!”). Os termos axiológicos correspondem a uma intelectualização parcial (que só pode ser parcial) de um julgamento que se origina em um sentimento de prazer ou desprazer. Há, portanto, uma continuidade entre essas diferentes categorias “subjetivas”.

Na verdade, parece que enunciados como “É bom, mas não me agrada”, que tentam dissociar julgamentos de valor e sentimentos, muitas vezes soam um pouco artificiais ou podem ter até mesmo certa tonalidade esquizofrênica (“É bom, mas não gosto”). Os dois valores, axiológico e afetivo, estão de fato intimamente interligados¹¹, como podemos observar nos dois exemplos a seguir, quando se trata de uma mudança da interpretação afetiva para a axiológica: o fato é que geralmente consideramos frases como “Eu gostei do teu pulo”¹² como um elogio, ou esta declaração de Patrice Leconte, diretor do filme *Ridicule*, feita durante o Festival de Cinema de Cannes, em 8 de maio de 1996: “*Ridicule* é um filme que eu amo de paixão, o que pode parecer completamente imodesto, mas para mim tanto faz”.

1.2.1.3. Pessoalmente, voltei a me deparar com essa questão da relação entre valores axiológicos e afetivos alguns anos depois de *La connotation*, quando trabalhei dentro da estrutura mais ampla da *linguística da enunciação*, conforme defendida por Benveniste –

¹⁰ Ver, por exemplo, o quarto capítulo de Van Ginneken (1907), intitulado “Appreciation in language”.

Quanto a Wierzbicka (1973, p. 156 e seguintes.), a autora distingue entre “termos de desaprovção”, que são todos axiologizados, ou seja, aqueles que pretendem expressar exclusivamente uma avaliação objetiva (e que, portanto, não são necessariamente acompanhados por uma prosódia expressiva), e aqueles que, ao contrário, apresentam um julgamento de desaprovção como algo individual e subjetivo e que, portanto, sempre carregam certa porção de afetividade.

¹¹ O que refletiria o fato de que no nível da própria experiência todo processo emocional implica, de acordo com Tappolet (1995) e com Thévenot (1995), “valores” e “avaliações”.

¹² Ver Kerbrat-Orecchioni (1994, p. 214).

uma problemática que, aliás, também pode, até certo ponto, ser considerada parte do legado de Bally, que, com noções como *modus* (em oposição a *dictum*), abriu caminho para a pesquisa sobre o “aparato formal da enunciação” e que enfatizou reiteradamente as ligações estreitas entre “emotividade” e “subjatividade”:

(17) Nada do que é subjetivo pode ser desprovido de nuances emocionais; tudo o que é emocional é, por essa mesma razão, subjetivo. (1935, p. 39)

Mas há um grande risco de ver os valores afetivos diluídos no oceano da subjatividade linguística. E isso é, de fato, o que vemos com frequência hoje em dia - por exemplo, no tipo de 'soma' constituída pelo estudo de Caffi & Janney (1994), onde no inventário proposto dos diferentes tipos de “*dispositivos emotivos*”, encontramos, ao lado dos procedimentos puramente emotivos, procedimentos de avaliação, bem como dêixis, modalização, expressão de volição ou quantificação...

Voltaremos a esse assunto ao final de nosso texto. Por enquanto, é importante observar que, em termos do estudo da linguagem emocional, esse período chamado de “intermediário” não se contentou em explorar e enriquecer o legado de Bally.

1.2.2 Desenvolvimento de sistemas teóricos originais, alguns dos quais dão um lugar significativo às emoções

Irei mencionar apenas dois:

1.2.2.1 *Semiótica*,

A referência que farei a esse campo, particularmente produtivo no estudo das paixões, se resumirá simplesmente às obras de Herman Parret, *Les passions* (1986), de Greimas e Fontanille, *Sémiotique des passions* (1991), e de Anne Hénault, *Pouvoir comme passion* (1994). Na introdução do livro de Parret, lemos o seguinte:

Por que esse retorno às paixões, uma problemática um tanto fora de moda e francamente arcaica, em uma época preocupada principalmente em eliminar os elementos subjetivos, emocionais e passionais do reino da

filosofia e em expulsá-los de qualquer um de seus ambientes “naturais”: a arte, a poesia, a vida cotidiana? (Parret, 1986, p. 6).

É fácil ver o quanto avançamos desde a publicação de sua obra: em nossos dias, as “paixões” recuperaram amplamente seus “ambientes naturais”, e as emoções estão inegavelmente “na moda”. Além dessas três obras que mencionamos, ainda de meados dos anos 1990, pode ser lida com proveito a edição de 1993, da revista *Protée*, intitulada “Sémiotique de l'affect”.

1.2.2.2 *A teoria dos atos de fala*

Como sabemos, essa teoria admite a existência de uma classe específica de atos “expressivos”. Trataremos rapidamente dessa classe de atos de fala na segunda parte deste estudo (em 2.3).

1.3 O período contemporâneo

A principal característica da abordagem atual da afetividade da linguagem é que ela geralmente se baseia em uma perspectiva *interativa*, colocando a ênfase menos na expressão das emoções do que em sua *comunicação*. Também discutirei essa questão abaixo (em 2.4.).

2 Classificação de acordo com o tipo de abordagem e a natureza dos fatos sob investigação

Para me limitar aos fatos mais especificamente “linguísticos”, conforme mencionei, não direi nada aqui a respeito:

— nem das “figuras” e dos tropos regularmente associados na tradição retórica com a “linguagem da paixão”¹³,

¹³ Cf. J.-J. Rousseau, *Essai sur l'origine des langues* (Cap. III “De como a primeira linguagem deve ter sido figurada”: “Como os primeiros motivos que fizeram falar o homem foram as paixões, suas primeiras expressões foram tropos” (Rousseau [1781], 2008, p. 105). Ver também: C-C. Dumarsais, *Des tropes*: “As figuras são, por assim dizer, a linguagem da imaginação e das paixões.” (Dumarsais [1730] 1988, p. 66).

— nem das unidades semióticas de natureza paraverbal e não verbal (elementos vocais e prosódicos, signos mímico-gestuais), cuja importância como veículos de conteúdo emocional é universalmente reconhecida, do que se conclui que as duas formas orais e escritas de linguagem verbal funcionam de maneiras marcadamente diferentes do ponto de vista de sua capacidade de expressão afetiva¹⁴.

2.1 Abordagens lexicais

O objetivo das abordagens lexicais é descrever o “léxico de emoções/sentimentos/afetos” em um determinado idioma. As metodologias utilizadas são diversas e variadas, dependendo, entre outras coisas, da classe gramatical à qual pertencem as unidades em consideração: para substantivos e adjetivos, tendemos a realizar uma análise do tipo componencial (Davitz 1969, Ortony *et al.* 1987), com base em definições de dicionário ou em um *corpus* de textos (Rastier ed., 1995)¹⁵; no caso dos verbos, eles são descritos e categorizados, levando-se em conta seu comportamento sintático (como parte do modelo “léxico-gramática” de Gross: Gross 1975, Debyser 1976 e a maioria dos estudos apresentados em *Langue française* 105, 1995, “Grammaire des sentiments”; ou a partir de uma perspectiva gerativa-transformacional: Bouchard 1995).

Esses diferentes estudos também diferem na maneira como delimitam o conjunto de itens a serem investigados: alguns procedem de forma bastante intuitiva, enquanto outros usam determinados critérios (Anscombe 1995: 41, Balibar-Mrabti 1995: 88, Rastier 1995: 238-9) ou determinados testes, como o teste de “*feeling and being*” proposto por Johnson-Laird & Oatley (1989): *happy* denota um estado emocional tanto em “*being happy*” quanto em “*feeling happy*”, portanto é um termo autêntico de sentimento; *ignored*, por outro lado, deve ser eliminado da lista, pois “*feeling ignored*” é aceito pelos participantes do teste como uma expressão com valor emocional, mas “*being ignored*” não.

Da mesma forma, a concepção do campo lexical em questão pode ser mais restrita: apenas os termos que *denotam* uma emoção são mantidos; ou mais ampla: o estudo também

¹⁴ Sobre os marcadores tipográficos de emoção em textos escritos e, em particular, o caso dos pontos de suspensão, ver Maingueneau (1986).

¹⁵ Ver também *Le taste-mots* de Béraud *et al.* (1988, p. 111).

incorpora aqueles que podem, de alguma forma, *conotá-la* (na lista proposta por Ortony *et al.* 1987, incluem-se termos como “*alone*”, “*abandoned*”, “*safe*”, “*beaten*”, “*lucky*” ou “*competent*”) - mas o inventário corre o risco de ser infinito, já que, de acordo com Osgood e aqueles que trabalham nessa perspectiva (ver Marsella *et al.* 1972), qualquer termo é potencialmente carregado de certas conotações afetivas...

2.2 Abordagens morfossintáticas

Em primeiro lugar, devemos mencionar o desenvolvimento, na década de 1970, de “gramáticas comunicativas” (como Leech & Svartvik 1976), que concedem um papel significativo aos processos afetivos; menção especial deve ser feita aos *Études de syntaxe expressive* (1974) de Henry, uma compilação de uma série de análises de várias formas e usos nos quais certos valores afetivos são gramaticalizados em francês (o pronome “ça” designando um ser animado, a conjunção “si” em “*Si vous croyez que...*”, etc.); relembremos os principais fatos que essa perspectiva morfossintática favorece:

— Sufixos diminutivos com valor afetivo: (ver Delhay 1996: cap. 4; bem como na derivação expressiva em polonês: Wierzbicka 1980, p. 51 *sqq.*; em russo: Volek 1987; em grego: Sifianou 1992; em italiano/ alemão/ inglês: Dressler & Merlini Barbaresi 1994); os hipocorísticos e outras “palavras suaves” (ver Plenat 1982, assim como Kerbrat-Orecchioni 1992, p. 22-5); os insultos e os palavrões (Guiraud 1975: cap. II, Ruwet 1982, Noailly 1983)¹⁶; as partículas expressivas (ver Fernandez 1994, p. 87 *sqq.* sobre o funcionamento em diferentes línguas dessa classe bastante mal definida, que Fernandez divide em quatro subclasses: partículas de “endereçamento”, “ilocucionárias”, “reacionárias” e de “ruptura”; bem como sobre o wolof: Irvine 1982; e sobre o japonês: Kataoka 1995); e os procedimentos de intensificação (sobre o intensivo “si” em francês, cuja comparação com “très” mostra que seu valor emocional é relativamente independente da quantificação objetiva, ver Plantin 1985).

¹⁶ De uma perspectiva mais pragmática ou psicolinguística, ver também Huston (1980), Larguèche (1983), Jay (1992); e de uma perspectiva sociolinguística e etnolinguística: Sherzer (1970), Labov (1978) (e os muitos outros estudos sobre o “duelo verbal” nesta ou naquela comunidade de adolescentes), bem como Bonvini (1995); e sobre “as coroações” no Quebec: Legare & Bougaieff (1984).

— A ordem das palavras e, em particular, a anteposição do adjetivo (Martin 1986); os processos de ênfase e de realce; a frase segmentada e as construções deslocadas¹⁷; a elipse e o assíndeto; a repetição e a reiteração (ver, entre outros: Tannen 1989, e sobre a reduplicação em italiano, Wierzbicka 1991: cap. 7).

— Por último, mas não menos importante: a exclamação (ou interjeição) e a frase exclamativa.

- *As frases exclamativas*, que são enunciados gramaticalmente completos, foram objeto de numerosas descrições durante o intitulado período “intermediário” (décadas de 1970 e 1980), realizadas por vários autores dentro de seu próprio quadro teórico: gramática gerativa (Milner 1978: cap. VII “Les exclamatives”, um estudo retomado e criticado sob a mesma perspectiva por Ruwet 1982), teoria das operações enunciativas (Culioli 1974), universos de crença (Martin 1987) ou a polifonia (Ducrot 1984): assim, os enunciados exclamativos parecem ser um tema privilegiado para os linguistas, que os utilizam para pôr à prova os diferentes quadros teóricos que estavam sendo desenvolvidos durante este período.

- Mais recentemente, *as interjeições* foram objeto de um interesse renovado (ver Goffman 1981: cap. II “Response cries”, bem como as revistas *Journal of Pragmatics* 18-2/3, 1992 e *Faits de langue* 6, 1995¹⁸). Este interesse é indicativo de uma atenção mais geral, hoje em dia, dedicada ao estrato emocional da linguagem, que estas exclamações e interjeições encarnam de uma forma mais “pura” do que as frases exclamativas (são, *por excelência*, fenômenos expressivos). Além disso, estes elementos são tanto mais interessantes quanto são, em todos os aspectos, “híbridos” (Goffman descreve-os como “*semi palavras*”, situadas no intermeio entre a língua e a fala, a arbitrariedade e a iconicidade), que constituem um lugar estratégico para observar o *continuum* que existe, como Bally incansavelmente nos recorda, entre o

¹⁷ A ideia de que a emoção introduz uma espécie de fratura na continuidade do discurso racional se tornou um verdadeiro *topos* na literatura sobre a linguagem afetiva. (cf. Fontanille 1993, p. 15).

¹⁸ Ver também sobre as exclamações em francês: Olivier (1986), Drescher (1997), Fauré (1997), e Rosier (1992) sobre o período medieval; em wolof: Irvine (1982); em alemão: Ehlich (1986); em inglês: Taavitsainen (1995); e numa perspectiva intercultural: Wierzbicka (1991: cap. 8 “Interjections across cultures”).

sentido afetivo e o sentido intelectual; essa "escala de emocionalidade" vai do "grito" (indissociável do seu estímulo emocional) à asserção descritiva (portanto desligada desse estímulo), passando pela interjeição e pela frase exclamativa¹⁹. Expressivas, as interjeições não são menos comunicativas.

Trata-se de “rotinas comunicativas”, como muito bem diz Barbéris, na esteira de Goffman:

Todas as três variedades destas expressões ejaculatórias [gritos de resposta, imprecações, conversa fiada] são convencionalizadas quanto à forma, ocasião de ocorrência e função social. (Goffman, 1981, p. 122)

[As interjeições] são rotinas comunicativas e sociais, [...] simulacros que ajudam a ritualizar as expressões emocionais. Os afetos estão sempre presentes: são a força motriz de tudo. Estão tanto mais presentes quanto mais lhes for oferecida uma forma de se exprimirem. [...] Se o afeto tiver que passar pela convencionalidade da defesa, isso, por sua vez, [...] abre caminho para a descarga do afeto. Com a sua posição ambivalente entre o dizer e o fazer, as interjeições criam um "paradoxo do ator" mais sutil do que Diderot tinha imaginado (Barbéris, 1995, p. 104).

Mas se as interjeições fazem parte da interação, o mesmo se aplica *a fortiori* a outros tipos de enunciados afetivos, cuja finalidade comunicativa é ainda mais evidente.

2.3. Abordagens pragmáticas

Antes de me debruçar sobre a forma como a linguística interacionista lida com as emoções, direi algumas palavras sobre o que é geralmente considerado como o núcleo duro da pragmática: a teoria dos atos de fala.

Na sua versão “clássica”, esta teoria admite a existência de uma classe particular dos atos ditos “expressivos”, que consistem em realizar certos atos rituais, como pedir desculpa, agradecer ou felicitar, através de declarações que "exprimem" um "estado psicológico"

¹⁹ Segundo Ducrot (1984, p. 186):

- A única função do enunciado “Pierre é inteligente” é fornecer informações sobre Pierre.
- Com “Pierre é inteligente”, ao contrário, a enunciação é dada “como desencadeada pela representação desse objeto: é a própria inteligência de Pierre que parece nos forçar a dizer ‘Pierre é inteligente’”.
- No caso de uma interjeição, um determinado “sentimento” se interpõe entre o enunciado e a situação que o desencadeia: “a interjeição Chic! é dada como provocada pela alegria sentida quando o falante toma conhecimento de um determinado fato, como um efeito da alegria: a alegria ‘explode’ nela”.

apropriado (desolação, gratidão ou admiração). Em outros termos, para Searle ou Vanderveken:

- (a) “Peço desculpa pelo atraso” não significa outra coisa senão
- (a’) “Desculpe-me pelo atraso”, e inversamente;
- (b) “Agradeço-lhe por ter vindo” não significa outra coisa senão
- (b’) “Sou grato a você por ter vindo”, e inversamente.²⁰

No entanto, parece que, embora em determinadas circunstâncias “Sinto muito por X” possa de fato ser usado como um pedido de desculpas, e “Sou grato a você por X” como um agradecimento, essa equivalência pragmática (em determinados usos) não pode ser considerada uma equivalência semântica: (a) e (b’), que literalmente descrevem um certo estado psicológico do falante, podem às vezes funcionar como atos de fala indiretos de desculpas ou agradecimentos, mas isso não significa que sejam sinônimos de (a) e (b) – Tsohatzidis (1993) mostra que (a) e (a’), (b) e (b’) não compartilham as mesmas propriedades de pressuposição e não admitem exatamente as mesmas possibilidades de concatenação²¹.

Por conseguinte, deve ser feita uma distinção entre:

— declarações como “Peço desculpas” ou “Agradeço”, cuja função principal não é “expressiva”, mas sim “ritualística”, no sentido em que Goffman a entende, sendo Austin mais sábio a esse respeito do que Searle, quando torna esses atos “comportativos”, ou seja, atos relacionados ao “comportamento social” (1970, p. 161); e

— declarações como “Sinto muito/ Sou grato/ Estou feliz/ indignado” etc., que podem, em alguns casos, funcionar como equivalentes das anteriores (assim como uma declaração interrogativa pode, em alguns casos, funcionar como um pedido ou uma afirmação), mas que, em seu valor literal, expressam um determinado “estado de espírito”. Resta saber se

²⁰ Ver, por exemplo, Searle (1982: 54), ou Vanderveken (1988: 199) - mas uma concepção semelhante pode ser encontrada em muitos outros pragmatistas, Norrick (1978), Bach & Harnish (1979), ou mesmo Wierzbicka (1987).

²¹ Tsohatzidis considera, por exemplo, que sequências como as seguintes são possíveis:

“Não me arrependo do que disse porque era a única maneira de proteger seus interesses; no entanto, peço desculpas por tê-lo dito, pois isso o deixou constrangido”; ou:

“Não posso dizer que sou grato pelo que você fez comigo porque isso me magoou, mas como foi para me agradar que você fez isso, eu lhe agradeço”.

essas declarações devem ser consideradas como uma classe separada de atos de fala²², e não como um caso especial de asserções.

2.4. Abordagens interacionistas

Houve, nas duas últimas décadas, um desenvolvimento espetacular da abordagem interacionista. Com isso, a questão das emoções experimentará:

— por um lado, um interesse renovado, porque assim que nos interessamos pelo funcionamento real das trocas comunicativas, torna-se simplesmente impossível ignorar um componente tão “inescapável” quanto o componente afetivo;

— por outro lado, uma mudança radical de perspectiva: enquanto tradicionalmente consideramos que há uma “antinomia entre expressão e comunicação” - a fórmula vem do próprio Bally (1935, p. 80) -, sendo que a emoção, é claro, está do lado da expressão, ou seja, da experiência íntima do sujeito e da fala egocêntrica (função “emotiva” de Jakobson), sendo, por assim dizer, transmitida apenas por acréscimo, nessa nova perspectiva, ao contrário, as emoções são consideradas acima de tudo em sua dimensão comunicativa²³, ou seja, como uma experiência a ser compartilhada, que está localizada não apenas *em* um sujeito, mas *entre* sujeitos - como uma experiência intersubjetiva, portanto, integrada aos processos relacionais (Cosnier 1994, p. 93).

De forma correlata, a questão das emoções vai mobilizar todas as ideias-chave que permeiam a literatura de inspiração interacionista: a expressão das emoções implica uma adaptação ao outro e à situação comunicativa como um todo; e envolve a implementação incessante de mecanismos de regulação, intersincronização e negociação entre os participantes...

Mais concretamente, entre os aspectos do funcionamento das interações que foram recentemente objeto de investigações específicas, podemos mencionar:

²² Como Verschueren (1985: cap. 6) e Rintell (1983, p. 255), por exemplo, acreditam:

“Quero propor aqui que o ato de expressar alguma emoção específica é um ato ilocucionário”. Observe que alguns desses “atos” já foram descritos empiricamente, como a “reclamação” (ou “lamento”).

²³ Cf. os títulos reveladores das obras de Buck (1984), Fiehler (1990) e Laflamme (1995).

- a noção de *empatia*, que pode ser considerada a aplicação do princípio de “reciprocidade de perspectivas”, como concebeu A. Schütz²⁴, ao tratar do mundo dos afetos;
- a noção de “*envolvimento*” (em francês, “*engagement*” ou “*implication*”), um conceito-chave na pragmática das emoções, embora com um grau de ambiguidade, pois essa noção tem muitas facetas que nem sempre são claramente distinguidas, sendo o “envolvimento afetivo” apenas uma das formas que o “envolvimento conversacional”²⁵ pode assumir.
- a dimensão do *conflito*, que tem uma relação próxima com a emoção, mesmo que nem todo discurso conflituoso seja igualmente “afetivo”. (Windisch 1987, p. 95 e seguintes)²⁶;
- e, por outro lado, a noção de “*felicidade conversacional*” cara a Auchlin (1990, 1991, 1995), mas que também se encontra em outros textos e obras da literatura (Jacques 1979, Gardin 1988, François *et al.* 1990, e vários outros²⁷), e sob várias formas, no âmbito de pares de antônimos, como “sorte/infortúnio”, “facilidade/mal-estar”, “conforto/ desconforto”, “euforia/disforia”, “sucesso/ fracasso”.

Para concluir, no entanto, gostaria de mencionar duas grandes linhas de pesquisa, nas quais a pragmática interacionista está envolvida e que me parecem ter implicações consideráveis para a reflexão sobre as emoções, especialmente no segundo caso.

2.4.1. A “nova retórica interacional”: a questão da polidez

Sabemos que o fenômeno da polidez ocupa atualmente um lugar central na pragmática da interação. Sobre o famoso modelo de Brown e Levinson, que foi inspirado por Goffman e que foi reformulado de várias maneiras (ver Kerbrat-Orecchioni 1992), direi apenas duas coisas em relação àquilo de que estamos tratando aqui:

²⁴ Ver Fontanille (1993, p. 16); Cosnier (1994: 86 et *passim*); Cosnier & Brunel (1997) (que criticam esta noção por ser uma excessivamente “polimórfica”).

²⁵ Há muitas referências a essa noção, à qual o *Journal of Pragmatics* dedica o n° 22-3/4 (1994) (veja, em particular, Besnier, que critica essa noção por ser muito confusa e, portanto, “problemática como ferramenta analítica”). A respeito das *pistas de envolvimento*, ver Arndt & Janney (1985, p. 291), assim como Tannen 1989, Katriel & Dascal 1989, Blum-Kulka (1990).

²⁶ Ver, entre outros: Grimshaw (ed.) (1990), Watson-Gegeo & White (eds) (1990), Fele (1991), e Diamond (1996: cap. 5).

²⁷ Como Goffman, retomado por Winkin (1996: 169); Erickson & Shultz (1982, p. 105 e 171 e *segs.*); Mc Intosh & Martin (1992) - para um inventário de algumas perspectivas sobre a felicidade conversacional, consulte Cabasino (1992, p. 113).

— A cortesia e as emoções são geralmente consideradas antinômicas²⁸: um dos *leitmotive* da literatura sobre boas maneiras é que a civilidade não admite explosões emocionais inoportunas e descontroladas (nos termos de Brown e Levinson, explosões emocionais violentas constituem “Atos de Ameaça à Face” para os parceiros envolvidos):

*Não se emocionar me parece ser a primeira virtude de um homem bem-educado [...]. Ele deve podar, aparar o entusiasmo. Ao experimentar repugnância, ódio e raiva civis, esses sentimentos devem ser controlados ou ao menos devem estar bem disfarçados! (René Boylesve, *Le Médecin des dames de Néans*, 1894, citado por D. Picard, *Les rituels du savoir-vivre*, Paris: Seuil, 1995, p. 187).*

Já para os etologistas da comunicação, a principal função da polidez e dos rituais sociais é justamente canalizar o fluxo de emoções, conter as explosões emocionais e afastar a ansiedade e a agressão que um encontro com um corpo estranho sempre pode provocar: a polidez é a violência feita à violência. Em resumo, a polidez está do lado da antinatureza, do controle dos impulsos e da preocupação primária com os outros (é um tipo de “altruísmo cotidiano”), enquanto a emoção está mais próxima à natureza, ao impulso individual e ao comportamento egocêntrico.

Dito isso, as questões da polidez e da expressão emocional aparecem em mais de um lugar:

- Primeiramente, em torno da noção de *face*. Toda a teoria de Brown-Levinson se baseia nas noções de “*face*”, “*face-want*” (face do desejo) e “*face-work*” (face do trabalho). Na mesma linha de raciocínio de Goffman, nossos autores enfatizam que as faces estão sempre “emocionalmente investidas”:

A face é algo que é emocionalmente investido, [...] e deve ser constantemente observada na interação. (Brown & Levinson 1987, p. 61)

Não há dúvidas de que certas emoções, como o constrangimento ou a vergonha, estão diretamente ligadas à “face”. Portanto, é surpreendente, tal como também era surpreendente

²⁸ É por isso que a proposta de Arndt e Janney (1985), que identifica a comunicação emocional com a polidez (ela mesma reduzida a “estratégias de apoio”), pode parecer bastante paradoxal.

para Cocroft & Cocroft, que esse conceito não tenha sido explorado como merece. Por outro lado, não deveríamos nos surpreender com o modo como ele tem sido bastante explorado no contexto do trabalho sobre polidez, por especialistas em comunicação emocional:

É surpreendente que as emoções fundamentais relacionadas à face não tenham sido discutidas com muita profundidade na literatura sobre trabalho facial. (1994, p. 329)²⁹

- Outro conceito útil para explorar a relação entre emoção e polidez é o da “violação de expectativa” (consulte Burgoon, 1993). Um conceito muito produtivo para o estudo de interações em geral e, em particular, para o estudo da comunicação emocional. Trata-se de noção definida nestes termos no Larousse de Poche (1979):

Emoção: reação emocional a uma situação inesperada.

A violação de qualquer expectativa é o principal “agente causador” de experiências emocionais na vida cotidiana³⁰. Essa ideia é perfeitamente aplicável a violações de expectativas em termos de polidez, já que qualquer decepção a esse respeito dá origem a uma reação emocional mais ou menos intensa, mas sempre negativa (“Ele poderia *pele menos* ter pedido desculpas”, “Ele *nem sequer* me agradeceu”), enquanto, por outro lado, qualquer satisfação da expectativa de comportamento educado dá origem a um sentimento positivo de “reconhecimento”:

No ponto de ônibus Eglise-de-La-Plaine, quatro jovens malandros entram, dois negros e dois vermelhos, com bonés ao contrário, parecendo mal-humorados. Um deles, que se sentou à minha frente e praticamente me empurrou, pediu imediatamente desculpas. Tão ou mais rapidamente que seu pedido de desculpas, foi o sentimento de gratidão que se produziu em mim. (Jean Rolin, Zone, Paris: Gallimard, 1995, p. 162).

²⁹ Dito isso, várias análises sobre o constrangimento (consulte Goffman 1974: *passim*, bem como Brown 1970, Miller & Leary 1992, Edelman 1994) ou a vergonha (Marsella *et al.* 1972: 136 e seguintes, Scheff 1988, Herzfeld 1980, Wikan 1984, Schieffelin 1983, Montandon 1982 e vários artigos em Zagnoli & Roux eds 1993) referem-se explicitamente à noção de face.

³⁰ Cf. também Henry (1974, p. 243): “Encontramos aqui uma lei bem conhecida, a da oposição ao usual, que desencadeia quase todos os efeitos expressivos” - e sabemos que é em termos de “expectativa frustrada” que o fato estilístico é frequentemente definido.

Pode ocorrer também o de “contentamento mútuo”³¹, de acordo com a definição de polidez de La Bruyère em *Les Caractères* (cap. V, “De la société et de la conversation”):

Parece-me que o espírito de cortesia é uma certa atenção para garantir que, por meio de nossas palavras e maneiras, os outros fiquem satisfeitos conosco e com eles mesmos.

Essa teoria encontra naturalmente um campo privilegiado de aplicação na comunicação intercultural, em que as expectativas interacionais são frequentemente frustradas devido a divergências nas normas comunicativas das partes envolvidas.

2.4.2. A variação intercultural

Uma das características importantes da abordagem interacionista é seu interesse nos fenômenos de variação, especialmente na variação intercultural.

A ideia de que o comportamento emocional varia de uma cultura para outra certamente não é nova (veja, por exemplo, Mauss, 1921, sobre os rituais fúnebres de certas populações australianas, ou Granet, 1922, sobre a linguagem da dor na China). Mas foi sobretudo na década de 1980 que uma antropologia genuína das emoções foi desenvolvida: a edição 22 (1994) da revista *Terrain* aborda amplos ecos do debate entre “universalistas” e “culturalistas”. A controvérsia continua e é prejudicada pelo fato de que nem sempre fica claro em que nível a pesquisa está sendo realizada: estamos falando das “experiências” em si, de suas manifestações não verbais ou de sua expressão linguística? No que diz respeito à abordagem linguística, também há discordância sobre a preferência do local adequado para observar as variações:

— Podemos nos concentrar no léxico na medida em que ele reflete a maneira como um determinado idioma e, portanto, uma comunidade linguística, categoriza e conceitua as

³¹ Em outras palavras, geralmente podemos associar a polidez a emoções positivas e a falta de educação a emoções negativas. Além disso, assim como a grosseria é “marcada” em relação à polidez (Kerbrat-Orecchioni 1992: 243 e segs.) e como os afetos negativos são mais marcados do que os positivos (ver Metts & Bowers 1994, p. 533, parágrafo intitulado “A polidez é mais marcada do que os afetos positivos”), da mesma forma os afetos negativos são marcados em relação aos afetos positivos (consulte Metts & Bowers 1994, p. 533, parágrafo intitulado “Preferência cultural pelo positivo: ‘Faça uma cara feliz’”). Isso explica, de forma correlata, por que as emoções negativas têm atraído mais atenção dos especialistas do que as emoções positivas (assim como, em outro campo, foi dada mais atenção à “fala feminina”, considerada marcada, do que à “fala masculina”).

emoções: veja Marsella et al. 1972, Osgood et al. 1975, Boucher 1979, Tzeng et al. 1987, Shaver et al. 1992. Os idiomas estudados são muito diversos, assim como os métodos usados...Alguns dos resultados obtidos, como os de Tzeng et al, concluíram que havia extrema diversidade nos sistemas de classificação, enquanto outros, como Boucher e Shaver et al., chegaram à conclusão oposta, ou seja, que os diferentes léxicos emocionais eram muito semelhantes. Quanto a Wierzbicka, ela ocupa um lugar original no campo dos lexicalistas, pois, por um lado, ataca constantemente a posição universalista (ou seja, de fato etnocêntrica), mostrando com a ajuda de vários exemplos que são as diferenças que reinam de uma cultura para outra no que diz respeito às emoções, seja no nível dos termos, dos conceitos correspondentes ou das próprias experiências:

Em outras palavras, mesmo que os sentimentos sejam, de certa forma, “exatamente os mesmos”, os observadores anglo-americanos, russos e japoneses estariam olhando para eles com óculos de cores diferentes; e seus autorrelatos seriam, conseqüentemente, diferentes. De fato, os próprios sentimentos - informados por diferentes temas e valores culturais - provavelmente também seriam diferentes: o próprio vidro colorido influencia não apenas a interpretação do experimentador de seus sentimentos, mas também sua qualidade inerente. (1995, p. 29).

No entanto, por outro lado, juntamente com essa alegação culturalista extrema, Wierzbicka tenta salvar os universais e a unidade da espécie humana, considerando que noções “culturalmente específicas” como “amor”, “raiva” ou “alegria” são apenas configurações particulares de unidades elementares universais e inatas, ou seja, *primitivos semânticos* (como “sentir”, “bom/mau” etc.), que juntos constituem a “*Metalinguagem Semântica Natural*” que ela defende e que, segundo a autora, permitiria uma comparação sistemática de todos os sistemas de conceitualização das emoções existentes nas sociedades humanas³².

— Também podemos analisar *todos os recursos expressivos*, verbais e não verbais, disponíveis em uma determinada sociedade e fazer comparações com base nisso (consulte

³² De acordo com Wierzbicka (1993b), a “MSN” (Metalinguagem semântica natural; em inglês: *NSM*) é corroborada por observações de expressões faciais. Entretanto, podemos permanecer um pouco céticos diante das paráfrases, às vezes aproximadas ou tautológicas, que ela oferece para ilustrar a operação da MSN; por exemplo (1973, p. 153): Eu gosto de *você* = “Sinto por sua causa o que normalmente sinto por causa das pessoas que amo”.

Rosaldo 1980, Irvine 1982, Saville-Troike 1982, Rintell 1983, Ochs 1986, Arndt & Janney 1991 e, sobre interjeições de uma perspectiva intercultural, Wierzbicka 1991: cap. 8).

— Por fim, conforme recomendado por Myers e Lutz, por exemplo, podemos tentar identificar a “economia da paixão” de uma sociedade, ou sua “emocionologia” (Bamberg 1997), ou seja, o sistema geral de manifestações emocionais permitidas ou proibidas para os membros dessa sociedade nas diversas situações comunicativas em que eles podem estar envolvidos (um conjunto de recursos emocionais e suas *regras contextuais de uso*).

Portanto, no que concerne a abordagens interculturais, podemos concluir que:

— Elas destacam o fato de que sociedades diferentes não usam os mesmos repertórios de sinais (verbais, mas também paraverbais e não verbais) para expressar suas emoções, mas também o de que têm “estilos comunicativos” qualitativa e quantitativamente diferentes. Simplificando bastante, poderíamos opor:

- sociedades com um ethos altamente emocional (que pode ser descrito como “extrovertido”), tais como, se acreditarmos nas descrições propostas: negros americanos (Kochman 1981, 1990), judeus de Nova York (Tannen 1981a, 1981b), israelenses (Blum-Kulka 1990, p. 285), poloneses (Wierzbicka 1985, 1991), italianos (Wierzbicka 1991), gregos (Sifianou 1992, p. 165), habitantes das ilhas Samoa (Ochs 1986) e Papua Nova Guiné (Schieffelin 1983);

e

- sociedades mais “inibidas”, em que o controle emocional é a regra, como em Bali (Bateson 1977), Java (Errington 1988), Malásia (Coatalen 1991, p. 1274), Havaí (Kasper 1990), os índios Navajo (Saville-Troike 1982, p. 233) ou os esquimós (Briggs 1970).

Esse eixo é obviamente gradual, pois, nesse campo, como em muitos outros, *tudo é relativo*:

Do ponto de vista polonês, a cultura anglo-saxônica em geral (incluindo a cultura norte-americana) parece ser tão restrita em termos de

expressividade física quanto a cultura japonesa parece ser para os norte-americanos. (Wierzbicka 1985, p. 168).

— Além disso, os padrões de expressividade emocional podem variar consideravelmente dentro da mesma sociedade, dependendo da situação comunicativa (pública ou privada), da relação entre os participantes (próximos ou distantes, igualitários ou hierárquicos) e de seu status social. Na sociedade Wolof tradicional, por exemplo, Irvine (1990) mostra que o estilo dos *griots*, contadores de histórias e guardiões das tradições de povos da África Ocidental, é “hiperemocional”, enquanto os membros da casta superior dessas sociedades devem eliminar todos os traços de afetividade de sua fala. Em caso de luto, por exemplo, um nobre deve “delegar” a expressão de sua emoção a um terceiro, que lamenta em seu lugar, enquanto ele próprio mantém uma perfeita impassibilidade.

— Isso levanta o problema não de variações interculturais, mas de variações em uma determinada sociedade, dependendo de fatores como o histórico, o status, a idade e o sexo dos participantes da interação. Com relação a esse último fator de variação (estudado por Braconnier em *Le sexe des émotions*, 1996), parece que, em nossas sociedades³³, as mulheres têm um “ethos” mais emocional do que os homens, o que significa não que elas *experimentam* mais emoções, mas que as *manifestam* mais (por meio de mais risos, lágrimas, interjeições, expressões de entusiasmo e “engajamento conversacional”³⁴) e que as *decodificam* melhor do que os homens. Além disso, certas emoções (como ansiedade ou vergonha - especialmente nas sociedades mediterrâneas³⁵) são consideradas mais especificamente femininas, enquanto outros tipos de emoção (como raiva) são considerados mais tipicamente masculinos³⁶: os “estilos emocionais” masculinos e femininos, portanto, diferem tanto quantitativa quanto qualitativamente.

³³ Porque não é universal: consulte Hall (1984, p. 62) sobre o Irã, Brenneis (1990) sobre uma comunidade nas Ilhas Fiji e Kulick (1992) sobre a Nova Guiné.

³⁴ Cf. também Tannen (1986: cap. 6).

³⁵ Cf. Wikan (1984).

³⁶ Seguindo o exemplo de Cyrulnik, Braconnier relata o seguinte experimento (1996: 49): “Projeta-se a imagem de um bebê de nove meses chorando e pergunta-se a um grupo de adultos de ambos os sexos: ‘Por que esse menino está chorando? Porque ele está com raiva’, os homens e as mulheres geralmente respondem. Pegamos a mesma fotografia e a apresentamos a um grupo idêntico. ‘Por que esta menina está chorando?’, perguntam eles. ‘Porque ela está triste’. A interpretação da mesma imagem, portanto, variava de acordo com o gênero atribuído ao bebê.”

— A observação de todas essas variações destaca a natureza eminentemente *cultural* e, portanto, convencional (pelo menos em parte) da expressão emocional. Como Vincent-Buffault (1986) diz sobre as lágrimas, como parte de seu estudo sobre as variações históricas que afetam essa manifestação emocional, “as lágrimas são sinais que circulam” tanto quanto os derramamentos naturais, sinais que fazem parte dos “códigos de comunicação sensível” e cujas regras de uso adequado são adquiridas durante o processo de socialização do indivíduo³⁷.

Conclusões

Ao final deste sobrevoo, e talvez com certa precipitação, podemos concluir que aparentemente a reticência que a nossa disciplina geralmente tem demonstrado em relação às emoções não é simplesmente o resultado de um preconceito ideológico: as emoções suscitam problemas *reais* para a linguística e representam um desafio real, principalmente por causa de sua natureza eminentemente “*escorregadia*” (Besnier 1990, p. 420). Ao longo desta investigação, encontramos categorias vagas, noções polimorfas e marcadores indecisos:

— Quanto ao seu significado: o campo da afetividade (expressividade? emocionalidade?) é mais do que qualquer outro “indefinível”:

Não é preciso dizer que noções como afetividade ou expressividade são tão vagas que desencorajam qualquer tentativa de definição (Martin 1987, p. 94).

Nesse sentido, vimos, por exemplo, que os valores afetivos tendem a abranger todo o campo da subjetividade linguística e, mais recentemente, até mesmo a intersubjetividade.

— Quanto ao seu significante: devemos nos lembrar da importância dos marcadores e pistas vocais e mímico-gestuais, o que apoia a posição de linguistas quanto à natureza “periférica”

³⁷ De uma perspectiva semelhante à forma tão brilhante que Bateson e Mead demonstraram em relação a Bali, consulte Ochs 1986 sobre as Ilhas Samoa.

(em relação à língua) dos fenômenos emocionais. Finalmente, quanto ao material linguístico em si, devemos concluir que há uma diversidade fantástica de maneiras pelas quais a linguagem emocional pode ser usada, pois qualquer palavra, qualquer construção pode ser carregada de uma conotação afetiva no contexto adequado:

O afeto permeia todo o sistema linguístico. Quase todos os aspectos do sistema linguístico [...] são candidatos a expressar afeto. (Ochs & Schieffelin 1989, p. 22).

Isso nos dá a sensação de que as emoções estão, ao mesmo tempo, em toda parte na linguagem e em nenhum lugar:

É uma divisão necessária, mas muito artificial, que separa sentimentos de julgamentos e vontades. Os sentimentos entram em uma série de julgamentos e, por outro lado, os sentimentos não excluem de forma alguma os julgamentos. [...] A menor frase envolve nossa sensibilidade [...]. E a linguagem reflete esse estado de coisas. Portanto, devemos ter cuidado ao acreditar que é possível traçar uma linha rígida entre as coisas que são sentidas e as coisas que são pensadas. Dizem que os números fazem você pensar. Eles também fazem o coração bater (Brunot 1926, p. 539).

Desse modo, também a questão da existência ou não de uma “linguagem da emoção” parece permanecer ainda irresoluta, ou seja, não há uma resposta definitiva sobre se existem ou não correlações estáveis entre significantes linguísticos e significados emocionais, sejam eles gerais ou específicos:

Parece-nos que um dos principais objetivos da futura pesquisa pragmática sobre comunicação emotiva será mostrar que existem correlações sistemáticas e empiricamente fundamentadas entre dispositivos emotivos [...] e sua interpretação em diferentes situações [...] que não devem ser consideradas como certas. (Caffi & Janney 1994, p. 368)

Portanto, o que podemos apontar é que certos tipos de fatos (como interjeições, é claro, e certos itens lexicais, mas também, em menor grau, outros fatos, como sufixos diminutivos ou processos de intensificação) têm mais probabilidade do que outros de serem carregados de afetividade no discurso, mas que o contexto é sempre mais ou menos decisivo

(o termo “irmã” é carregado de um valor afetivo que é, além disso, bastante impreciso, mas “comprimido” não é), de acordo com o princípio geral de que, quanto mais forte for um valor inscrito na língua, menos ele precisa do contexto para ser atualizado, e vice-versa.

Este percurso também nos conscientizou da necessidade de distinguir os níveis de análise de forma ainda mais escrupulosa, pois a confusão é tentadora, quando se lida com um objeto tão difícil de definir como as emoções.

3 As palavras e as coisas

Qualquer semanticista iniciante aprende a dissociar a estruturação de qualquer conjunto referencial (o de assentos, por exemplo, ou mais precisamente “objetos para sentar”) da estruturação de um campo lexical específico (composto, por exemplo, dos termos que em uma língua denotam o conjunto de objetos conhecidos como “assentos”). Mas, quando se trata de objetos tão “flutuantes” quanto os sentimentos, a operação é, sem dúvida, mais “embaraçosa”:

Na realidade, esse constrangimento é comum a qualquer abordagem que se aventure na ponte da linguagem que coloca palavras e coisas em comunicação, mesmo que a ponte seja menos perigosa quando se trata de objetos palpáveis ou conceitos precisos e definidos. Como nada é tão fluido quanto os sentimentos, devemos nos abster de qualquer tentativa de apreender os próprios afetos. (Brunet 1995, p. 25)³⁸

O melhor exemplo dessa confusão entre palavras e coisas (uma confusão que, nesse caso, deve ser considerada deliberada) é o título da edição 105 da *Langue française*: “Gramática dos sentimentos”, uma edição na qual não se trata, de fato, da sintagmática dos sentimentos (que, na verdade, fazem parte de cadeias causais e ‘cenários’), mas simplesmente do comportamento gramatical dos *termos* que denotam sentimentos em francês... Mas a confusão ameaça, acima de tudo, a abordagem lexicalista, que muitas vezes

³⁸ Após essa advertência, Brunet cai na armadilha (p. 37) quando fala sobre a “evolução dos sentimentos” do Romantismo para o Novo Romantismo.

se baseia em algo que não foi dito: a esperança de que, ao reconstituir a organização do léxico, chegaremos à estruturação das próprias emoções³⁹.

Em todo caso, é certo que o pensamento sobre as emoções sofre de uma problematização insuficiente das relações existentes entre os níveis psicológico (“experiências”), cognitivo (representações) e linguístico (denominações).

3.1 Da perspectiva do discurso, isso significa que precisamos distinguir entre **emoção experimentada** e **emoção expressa** (que é o *locus* apropriado da investigação linguística⁴⁰), e entre **emoção expressa** e **emoção suscitada** (esse é o *'pathos'* aristotélico, que, diferentemente do *'ethos'*, está localizado apenas no ouvinte), de acordo com o seguinte esquema comunicativo (muito simplificado):

Remetente: que experimenta e/ou expressa as emoções

(ele próprio parte de uma cadeia causal)

—> verbalização na forma de *marcadores*

(os “*gatilhos*” de Ungerer (1995))

Receptor: que decodifica esses marcadores

—> efeitos emocionais (e possivelmente reações)

Não é preciso dizer que a emoção expressa não coincide necessariamente com a emoção vivida:

A comunicação emotiva não tem relação automática ou necessária com estados afetivos internos “reais”. (Caffi e Janney 1994, p. 328)

Já é bastante difícil reconstruir os gestos e os sentimentos de um personagem que arde de amor verdadeiro, mas nunca sabemos se ele está expressando o que sente ou o que as regras do discurso amoroso prescrevem - e, além disso, o que sabemos sobre a diferença entre paixão sentida e paixão expressa, e qual é a mais antiga? (Eco, *L'île du jour d'avant*, Paris: Grasset, 1996, p. 13)

³⁹ Veja, por exemplo, Ortony et al (1987, p. 360) e a literatura “Osgoodiana” como um todo (que, por exemplo, aborda sem mais delongas as “conotações das emoções”).

⁴⁰ Deixemos para os psicólogos decidirem se estão interessados em experiências ou em suas manifestações (o título de Scherer *et al.* (eds.) 1986 é, pelo menos, claro nesse ponto: *Experimentando emoções*) e como as experiências podem ser entendidas independentemente das manifestações.

Mais especificamente, podemos:

- sentir uma emoção sem expressar nada (veja, por exemplo, em Myers 1988, o debate sobre a questão de saber se é verdade que os esquimós nunca sentem raiva ou se eles se contentam em nunca demonstrá-la);
- expressar uma emoção sem sentir nada (esse é o problema da “sinceridade emocional” e o “paradoxo do ator”, que não abordarei aqui);
- e expressar uma emoção diferente da que está sentindo. Essa evidência tríplice é geralmente reconhecida – Milner é o único a fazê-lo, quando fala sobre a função “performativa” dos adjetivos afetivos: assim como prometer significa dizer “eu prometo” e vice-versa, para Milner, admirar é e é apenas dizer “isso é admirável”:

De fato, podemos usar uma análise performativa da admiração aqui: admirar, no sentido estrito, é usar um adjetivo de valor sobre um objeto e, inversamente, usar tal adjetivo sobre um objeto é admirá-lo. O mesmo princípio se aplica, obviamente, à repulsa. (1978, p. 299).

— *A emoção despertada também não coincide necessariamente com a emoção expressa (e, a fortiori, experimentada): nem todo discurso emocional⁴¹ é necessariamente comovente.*

Pode haver:

- um discurso carregado de emoção, mas que não desperta nenhuma em seu destinatário:

Quando ouvimos as frases “Inferno!” e “Maldição!” de um homem brutal, não temos dúvidas de que se trata de uma manifestação de seu sentimento. Mas será que ele nos comunica esse sentimento, de modo que nos seja suscitada essa emoção? De forma alguma. Concluimos que esse homem deve estar com muita raiva, mas isso não é motivo para que nós mesmos fiquemos com raiva. (Van Ginneken 1907, p. 136)

Quando da transmissão televisiva do funeral de Lady Di, realizada pelo canal France 2, um crítico do jornal *Libération*, na edição do dia 08 de setembro de 1997, ao aparentemente tratar da locução do jornalista Daniel Bilalian, afirmou que se “exagerava na

⁴¹ Observe que, embora “emoção” possa ser considerada um arquilexema, o mesmo não pode ser dito do adjetivo “emotivo”, que tem um valor muito mais específico.

manifestação de uma emoção intensa” e, acrescentou que “aquela emoção nunca conseguiu atravessar a tela e despertar a nossa”);

- um discurso aparentemente não emotivo, que produz fortes efeitos emocionais:

Levi não gritou, não insultou, não acusou, porque ele não queria gritar, ele queria muito mais: fazer as pessoas gritarem. Ele renunciou a sua própria reação em troca de nossa reação. (F. Camon, *Conversations avec Primo Levi*, Gallimard 1991, p. 10)⁴²

- e um discurso que desperta uma emoção muito diferente daquela expressa (a empatia tem seus limites...):

As reclamações podem despertar compaixão, bem como irritação; as expressões de alegria podem inspirar contentamento, bem como raiva; a emoção que circula entre os atores é mediada pela avaliação que cada um faz da paixão do outro. (Fontanille 1993, p. 17).

Henry (1974, p. 110) nos dá um ótimo exemplo, que empresta de Gide: quando o pastor na *Sinfonia Pastoral* leva a menina cega para casa, sua esposa o cumprimenta, lhe dizendo: “O que você pretende fazer com *isso*?”. Mas, em vez de desprezo, é indignação que o uso de “isso” por sua mulher provoca no pastor: “Minha alma estremeceu, quando ouvi o uso desse dêitico impessoal e mal pude controlar a minha indignação”.

3.3 Por fim, a emoção expressa e a expressa linguisticamente

3.3.1. Ela pode ser o próprio falante (“Eu estou feliz”) ou por um terceiro (“Pierre está feliz”)⁴³: apenas o primeiro caso é diretamente relacionado à questão da linguagem emocional (o segundo caso é puramente referencial), embora todos os tipos de casos intermediários possam ser considerados, como declarações como “Eu estava feliz” (cf. no

⁴² Cf. também: *J. Semprun (L'écriture ou la vie*, Paris: Gallimard, 1994, p. 306): “*Tentei ser o mais objetivo possível, evitar adjetivos e advérbios, e permanecer fora de minhas emoções*”.

⁴³ De acordo com Jang (1994), essa distinção é gramaticalizada no coreano, já que os verbos de sentimento só podem ser usados como tal na primeira pessoa do presente, enquanto na terceira pessoa (e, em menor grau, na primeira pessoa do pretérito) é necessário usar uma perífrase.

juízo de Papon, esta declaração do Presidente Castagnède em 13 de outubro de 1997: “Não me escapa que a memória do infortúnio ainda é infortúnio”).

3.3.2. No que diz respeito à emoção do locutor, deve ser feita uma distinção entre:

— a emoção *denotada*, a partir do uso de algum “termo de sentimento” (substantivo, adjetivo, verbo): “Estou feliz”, “Estou nadando em felicidade”, “Estou babando de raiva”, “Estou enjoado”, “Estou enjoado” e assim por diante.

— e a emoção *conotada*, expressa de alguma outra forma: “Chic!”, “Aiê!”, “pobre Pierre”, ‘meu queridinho’, ‘que idiota’ etc.

Observações finais:

- Os termos “denotado” vs “conotado” nos parecem preferíveis a outras designações dessa oposição encontradas na literatura, como “descrito” vs “expresso”, “explícito” vs “implícito”⁴⁴, e assim por diante.
- Aqui, novamente, todos os tipos de casos intermediários podem ser considerados, bem como a possibilidade de acumular expressões denotativas e conotativas (“Estou muito feliz!”).
- Quando a emoção é denotada, ela geralmente é ao mesmo tempo especificada, enquanto sua natureza *específica* pode permanecer *indeterminada* no caso da expressão conotativa.
- A possibilidade de denotar o estado emocional de alguém é geralmente considerada estritamente reservada à linguagem humana:

Na realidade, os animais obedecem à fala porque foram treinados para reconhecê-la como um sinal, mas nunca serão capazes de interpretá-la como um símbolo. Pelo mesmo motivo, os animais expressam suas emoções, mas não conseguem nomeá-las. (Benveniste 1966, p. 27)

As emoções estão inegavelmente em voga atualmente: elas estão invadindo nossa mídia⁴⁵. São reconhecidas como um fator fundamental na racionalidade e na adaptação ao

⁴⁴ Assim como Besnier (1990, p. 428), podemos considerar que uma interjeição transmite uma mensagem afetiva de forma “aberta”.

⁴⁵ Sobre “efusão televisiva” e “shows de intimidade”, consulte Mehl, 1996, e o n° 70 da revista *Réseaux* (1995).

mundo circundante (Damásio 1995, Goleman 1995⁴⁶), o “Q.E.” está inclusive suplantando o Q.I. Além disso, a respeito da vitória do Deep Blue no xadrez sobre Garry Kasparov, Bruno Latour declara:

Preferimos nos definir pelas atividades em que somos particularmente ruins: pensar, calcular. Por outro lado, nunca pensamos em nos definir por atividades comuns nas quais somos muito bons: ficar com raiva, correr, desenhar... (Libération, 13 de maio de 1997).

Acima de tudo, as emoções estão no centro de um número cada vez maior de reuniões científicas organizadas por especialistas de diferentes disciplinas, incluindo as ciências da linguagem. Nas palavras de Ochs & Schieffelin, homônimas do título de um de seus artigos (1989): sim, “*A linguagem tem um coração*”. E mesmo que ainda não saibamos muito sobre a anatomia e a fisiologia desse coração (onde ele está exatamente e como funciona), só podemos nos alegrar com esse reconhecimento tardio.

Referências⁴⁷

ANSCOMBRE, J.-C. Morphologie et représentation événementielle: le cas des noms de sentiments et d'attitude. *Langue française*, 1995, 105: 40-54.

ARNDT, H.; JANNEY, R.W. Politeness revisited: Cross-modal supportive strategies. *IRAL*, 1985, XXIII-4: 281-300.

_____. Verbal, prosodic, and kinesic emotive contrasts in speech. *Journal of Pragmatics*, 1991, 15-6: 521-549.

AUCHLIN, A. Analyse du discours et bonheur conversationnel. *Cahiers de Linguistique Française*, 1990, 11: 311-328.

_____. Le bonheur conversationnel: fondements, enjeux et domaines. *Cahiers de Linguistique Française*, 1991, 12: 103-126.

_____. Le bonheur conversationnel: émotion et cognition dans le discours et l'analyse du discours. In: VÉRONIQUE D.; VION, R. (éds.), *Modèles de l'interaction verbale*, Publications de l'Université de Provence, 1995, p. 223-233.

AUSTIN, J. L. *Quand dire, c'est faire*. Paris: Seuil, 1970.

⁴⁶ Fritz Zorn fez experimentos e ilustrou a noção de “inteligência emocional” em *Marte*, bem antes das teorias de Daniel Goleman: “Não se pode ordenar a um idiota que entenda que dois e dois são quatro. Se sua deficiência intelectual é tão grande que ele não consegue assimilar esse conhecimento, ele não pode dizer de repente: Aha - agora eu entendi! No meu caso, provavelmente teríamos que falar sobre idiotice emocional. Essa inadequação me impediu de perceber: Aha - Eu gosto *deste* ou *daquele*. Eu não gostava de ninguém porque não era capaz de fazer isso. Portanto, eu não podia ter nenhum contato emocional com o mundo”. (Folio 1982, p. 197)

⁴⁷ Conferir também as extensas bibliografias sobre essa temática do tratamento dispensado pela Linguística às emoções em: Besnier (1990); e Caffi & Janney (1994).

- BACH, K.; HARNISH, R. M. *Linguistic Communication and Speech Acts*. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 1979.
- BALIBAR-MRABTI, A. Une étude de la combinatoire des noms de sentiment dans une grammaire locale. *Langue française*, 1995, 105: 88-97.
- BALLY, CH. *Précis de stylistique*. Genève: Eggimann, 1905.
- _____. *Traité de stylistique française*. Paris: Leroux, 1909.
- _____. *Linguistique générale et linguistique française*. Berne: Francke, 1932.
- _____. *Le langage et la vie*. Genève: Droz, 1935 [Ière éd. 1913].
- BAMBERG, M. Emotion talk(s): The role of perspective in the construction of emotions. In: NIEMEYER, S.; DIRVEN, R. (eds.), 1997, p. 209-225.
- BARBERIS, J.-M. L'interjection: de l'affect à la parade et retour. *Faits de langue*, 1995, 6: 94-104.
- BATESON, G. *Vers une écologie de l'esprit*, t. 1. Paris: Seuil, 1977.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- BERAUD, A.; EUZEN-DAGUE, M.-G.; REMI-GIRAUD, S. *Le taste-mots dans les arbres. Étude systématique du lexique français*. Lyon: CNDP, 1988.
- BERTONI, N.; TROGNON, A. L'intelligence de la paranoïa dans l'interview psychiatrique de diagnostic. In: CUVELIER, A. (éd.), *Psychisme et intelligence artificielle*, Nancy: PUN, 1992, p. 133-156.
- BESNIER, N. Language and affect. *Annual Review of Anthropology*, 1990, 19: 419-451.
- _____. Involvement in linguistic practice: An ethnographic appraisal. *Journal of Pragmatics*, 1994, 22: 279-299.
- BLUM-KULKA, S. H. You don't touch the lettuce with your fingers: Parental politeness in family discourse. *Journal of Pragmatics*, 1990, 14-2: 259-285.
- BONVINI, E. L'injure dans les langues africaines. *Faits de langue*, 1995, 6: 153-162.
- BOUCHARD, D. Les verbes psychologiques. *Langue française*, 1995, 105: 6-16.
- BOUCHER, J. D. Culture and emotion. In: MARSELLA, A. J.; THARP, R.; CIBOROWSKI, T. (eds.), *Perspectives on Cross-Cultural Psychology*, New York: Academic, 1979, p. 159-178.
- BRACONNIER, A. *Le sexe des émotions*. Paris: O. Jacob, 1996.
- BREAL, M. *Essai de sémantique*. Paris: Slatkine, 1976 [Ière éd. 1897].
- BRENNEIS, D. Shared and solitary sentiments: the discourse of friendship, play, and anger in Bhagtaon. In: LUTZ, C. A.; ABU-LUGHOD, L. (eds.), 1990, p. 113-125.
- BRIGGS, L. *Never in Anger*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1970.

- BROWN, B. R. Face-saving following experimentally induced embarrassment. *Journal of Experimental Social Psychology*, 1970, 6: 255-271.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*. Cambridge: CUP, 1987.
- BRUNET, E. Cardiogrammes. In: Rastier (éd.), 1995, p. 25-32.
- BRUNOT, F. *La pensée et la langue*. Paris: Masson, 1926.
- BUCK, R. *The Communication of Emotion*. New York/London: The Guilford Press, 1984.
- BÜHLER, K. *Sprachtheorie*. Jena: Fischer, 1934.
- BURGOON, J. K. Interpersonal expectations, expectancy violations, and emotional communication. *Journal of Language and Social Psychology*, 1993, 12-1/2: 30-48.
- CABASINO, F. *L'interview politique télévisée: conflits, métadiscours, paralangage*. Rome: Euroma, 1992.
- CAFFI, C.; JANNEY, R.W. Toward a pragmatics of emotive communication. *Journal of Pragmatics*, 1994, 22: 325-373.
- COATALEN, P. Le monde malais. In: POIRIER, J. (éd.), *Histoire des moeurs III*, Paris: Gallimard (Pléiade), 1991, p. 1273-1225.
- COCROFT, S. T. T.; COCROFT, B. A. Face and facework: Theoretical and research issues. In: Ting-Toomey, S. (éd.), 1994, p. 307-340.
- COLLETTA, J.-M. Qui parle et pourquoi? *Lidil*, 1995, 12: 43-65.
- COLLINS, R. The role of emotion in social structure. In: SCHERER, K. R.; EKMAN, P. (eds.), *Approaches to Emotion*, Hillsdale (N.J.): Lawrence Elbaum, 1984, p. 385-396.
- COSNIER, J. *Psychologie des émotions et des sentiments*. Paris: Retz-Nathan, 1994.
- COSNIER, J.; BRUNEL, M.-L. De l'interactionnel à l'intersubjectif. In: MARCARINO, A. (éd.), *Analisi della conversazione e prospettive di ricerca in etnometodologia*, Urbino: Quattro Venti, 1997, p. 151-163.
- CRESSOT, M. *Le style et ses techniques*. Paris: PUF, 1947.
- CULIOLI, A. À propos des énoncés exclamatifs. *Langue française*, 1974, 22: 6-15.
- CYRULNIK, B. *Les nourritures affectives*. Paris: O. Jacob, 1993.
- DAMASIO, A. R. *L'erreur de Descartes*. Paris: O. Jacob, 1995.
- DANJOUX-FLAUX, N. Les marqueurs de satisfaction et d'insatisfaction. *Le français moderne*, 1975, 43-4: 289-307.
- DAVITZ, J. R. *The Language of Emotion*. New York: Academic, 1969.
- DEBYSER, F. Lexique et grammaire des sentiments: Les causatifs. *Études de Linguistique Appliquée*, 1976, 22: 7-24.
- DELHAY, C. *Il était un "petit X"*. Pour une approche nouvelle de la catégorie dite diminutive. Paris: Larousse, 1996.

- DIAMOND, J. *Status and Power in Verbal Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- DRESCHER, M. French interjections and their use in discourse. In: NIEMEYER, S.; DIRVEN, R. (eds.), 1997, p. 233-246.
- DRESSLER, W. U.; MERLINI BARBARESI, L. *Morphopragmatics: Diminutives and intensifiers in Italian, German, and other languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994.
- DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.
- ECO, U. *La structure absente*. Paris: Mercure de France, 1972.
- EDELMAN, R. J. Embarrassment and blushing: Factors influencing face-saving. In: Ting-Toomey, S. (ed.), 1994, p. 231-267.
- EHLICH, K. *Interjektionen*. Tübingen: Niemeyer, 1986.
- ELLIOT, D. Toward a grammar of exclamations. *Foundations of Language*, 1974, 11: 231-246.
- ERICKSON, F.; SHULTZ, J. *The Counselor as Gatekeeper*. New York: Academic Press, 1982.
- ERRINGTON, J. *Structure and style in Javanese*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1988.
- FAITS DE LANGUE. 1995, 6, sept.: L'exclamation.
- FAURE, L. Les interjections à l'oral: quelles valeurs pour les vocalisations? *Cahiers de praxématique*, 1997, 28: 127-148.
- FELE, G. *L'insorgere del conflitto: Uno studio sull'organizzazione sociale del disaccordo nella conversazione*. Milan: Francoangeli, 1991.
- FERNANDEZ, J. *Les particules énonciatives dans la construction du discours*. Paris: PUF, 1994.
- FIEHLER, R. *Kommunikation und Emotion*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.
- FONTANILLE, J. L'émotion et le discours. *Protée*, 1993, 21-2: 13-19.
- FRANÇOIS, F. et al. *La communication inégale. Heurs et malheurs de l'interaction*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1990.
- GALLOIS, C. Prologue. *Journal of Language and Social Psychology*, 1993, 12-1/2: 3-12.
- GARDIN, B. Le dire difficile et le devoir dire. *DRLAV*, 1988, 39: 1-20.
- GEERTZ, H. The vocabulary of emotion: A study of Javanese socialization process. *Psychiatry*, 1959, 22: 225-236.
- GERARD, J. *L'exclamation en français*. Tübingen: Niemeyer, 1980.
- GOFFMAN, E. *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit, 1974.
- _____. *Forms of talk*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1981. [chap. II

- Response cries] [trad. fr. 1987: *Façons de parler*, Paris: Minuit].
- GOLEMAN, D. *Emotional Intelligence*. Bantam Books, 1995.
- GRANET, M. Le langage de la douleur en Chine. *Journal de psychologie*, 1922, 97-118.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Sémiotique des passions*. Paris: Seuil, 1991.
- GRIMSHAW, A. D. (ed.) *Conflict Talk*. Cambridge: CUP, 1990.
- GROSS, M. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.
- _____. Une grammaire locale de l'expression des sentiments. *Langue Française*, 1995, 105: 70-87.
- GUIRAUD, P. *Les gros mots*. PUF (Que sais-je?), 1975.
- GÜNTHER, S. Complaint stories. Constructing emotional reciprocity among women. In: KOTTHOF, H.; WODAK, R. (eds.), *Communicating Gender in Context*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997, p. 179-218.
- HALL, E. *Le langage silencieux*. Paris: Seuil ("Points"), 1984. [1ère éd. 1959].
- HARRE, R.; GILLET, G. *The Discursive Mind*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.
- HENAULT, A. *Le pouvoir comme passion*. Paris: PUF, 1994.
- HENRY, A. *Études de syntaxe expressive*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1974.
- HERZELD, M. Honour and shame: problems in the comparative analysis of moral systems. *Man*, 1980, 15: 339-351.
- HUSTON, N. *Dire et interdire. Éléments de Jurologie*. Paris: Payot, 1980.
- IRVINE, J.T. Language and affect: some cross-cultural issues. In: BYRNES, H. (ed.), *Contemporary perception of language: Interdisciplinary dimensions*. Washington (D.C.): Georgetown Univ. Press, 1982.
- JOURNAL OF PRAGMATICS. 1989, 9-1: The pragmatics of affect.
- _____. 1993, 18-2/3: Interjections.
- JOURNAL OF LANGUAGE AND SOCIAL PSYCHOLOGY. 1993, 12-1&2: Emotional Communication, Culture, and Power.
- JOURNAL OF PRAGMATICS. 1994, 22-3/4: Involvement in language.
- _____. Registering affect: heteroglossia in the linguistic expression of emotion. In: LUTZ, C. A.; ABU-LUGHOD, L. (eds), 1990, p. 126-161.
- JACQUES, F. *Dialogiques*. Paris: PUF, 1979.
- JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.
- JANG, PO-WOON. Les verbes de sensation en coréen. *Scolia*, 1994, 2: 75-91.

- JAY, T. *Cursing in America: A psycholinguistic study of dirty language in the movies, in the schoolyards and on the streets*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992.
- JEFFERSON, G. On the sequential organization of troubles-talk in ordinary conversation. *Social Problems*, 1988, 35-4: 418-441.
- JESPERSEN, O. *Language: Its nature, development and origin*. Londres: Allen & Unwin, 1922.
- JOHNSON-LAIRD, P. N.; OATLEY, K. The language of emotions: An analysis of a semantic field. *Cognition and Emotion*, 1989, 3-2: 81-123.
- KASPER, G. Linguistic politeness: Current research issue. *Journal of Pragmatics*, 1990, 14-2: 193-218.
- KATAOKA, K. Affect in Japanese women's letter writing: Use of sentence-final particles *ne* and *yo* and orthographic conventions. *Pragmatics*, 1995, 5-4: 427-453.
- KATRIEL, T.; DASCAL, M. Speaker's commitment and involvement in discourse. In: TOBIN, Y. (ed.), *From sign to text*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1989, p. 275-295.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La connotation*. Lyon: PUL, 1977.
- _____. *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris: A. Colin, 1980.
- _____. *Les interactions verbales, t. II et III*. Paris: A. Colin, 1992, 1994.
- KOCHMAN, T. *Black and White Styles in Conflict*. Chicago: The Univ. of Chicago Press, 1981.
- _____. Force Fields in Black and White Communication. In: CARBAUGH, D. (ed.), *Cultural communication and intercultural contact*. Hillsdale (N.J.): Lawrence Erlbaum, 1990, p. 193-217.
- KÖVECSES, Z. *Emotion Concepts*. Berlin: Springer, 1990.
- KULICK, D. Anger, gender, language shift and the politics of revelation in a Papua New Guinean village. *Pragmatics*, 1992, 2-3: 281-296.
- LABOV, W. *Le parler ordinaire*. Paris: Minuit, 1978.
- LAFLAMME, S. *Communication et émotion. Essai de microsociologie relationnelle*. Paris: L'Harmattan, 1995.
- LARGUECHE, E. *L'effet injure*. Paris: PUF, 1983.
- LANGUE FRANÇAISE. 1995, 105, févr.: Grammaire des sentiments.
- LEGARE, C.; BOUGAIEFF, A. *L'empire du sacre québécois*. Presses Universitaires du Québec, 1984.
- LEECH, G.; SVARTVIK, J. *A Communicative Grammar of English*. London: Longman, 1976.

- LUTZ, C. A. *Unnatural Emotions: Everyday Sentiments on a Micronesian Atoll and their Challenge to Western Theory*. Chicago: Chicago University Press, 1988.
- LUTZ, C. A.; ABU-LUGHOD, L. (eds). *Language and the Politics of Emotion*. Cambridge: CUP, 1990.
- LUTZ, C. A.; WHITE, G. M. The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, 1986, 15: 405-436.
- LYONS, J. *Linguistique générale*. Paris: Larousse, 1970.
- MAINGUENEAU, D. Le langage en suspens. *DRLAV*, 1986, 34-35: 77-94.
- MAROUZEAU, J. Langage affectif et langage intellectuel. *Journal de Psychologie*, 1923, 62: 560-578.
- _____. Accent affectif et accent intellectuel. *Bulletin de la Société de Linguistique*, 1924, 76: 80-86.
- _____. *Notre langue. Enquêtes et créations philologiques*. Paris: Delagrave, 1955.
- _____. *Précis de stylistique française*. Paris: Masson, 1959.
- MARSELLA, A. J.; MURRAY, M. D.; GOLDEN, C. H. Ethnic variations in the phenomenology of emotions. In: SAMOVAR, L. A.; PORTER, R. E. (eds), *Intercultural Communication: A Reader*. Belmont (Cal.): Wadsworth, 1972.
- MARTIN, R. Le vague et la sémantique de l'adjectif. Réflexion sur l'adjectif antéposé en français. *Quaderni di Semantica*, 1986, 2: 246-262.
- _____. *Langage et croyance*. Bruxelles: Mardaga, 1987.
- MARTINS-BALTAR, M. *Analyse motivationnelle du discours*. Paris: Hatier/Didier, 1994.
- MAUSS, M. Réponse à Georges Dumas. L'expression obligatoire des sentiments dans les rituels oraux funéraires des populations australiennes. *Journal de psychologie*, 1921, 425-434.
- MAYNARD, S. K. *Discourse modality. Subjectivity, emotion, and voice in the Japanese language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- MCINTOSH, W. D.; MARTIN, L. L. The cybernetics of happiness. In: CLARK, M. C. (ed.), *Emotion and Social Behavior*. Newbury Park: Sage, 1992, chap. 9, 222-246.
- MEDINA, J. Charles Bally: de Bergson à Saussure. *Langages*, 1985, 77: 95-104.
- MEHL, D. *La Télévision de l'intimité*. Paris: Seuil, 1996.
- METTS, S.; BOWERS, J. W. Emotions in interpersonal communication. In: KNAPP, M. L.; MILLER, G. R. (eds), *Handbook of Interpersonal Communication* (2nd ed.), Thousand Oaks/London: Sage, 1994, p. 508-541.
- MEUNIER, A. Sechehaye, Bally: Le sujet et la langue. *DRLAV*, 1984, 30: 145-155.
- MILLER, R. S.; LEARY, M. R. Social sources and interactive functions of emotion. The case of embarrassment. In: CLARK, M. C. (ed.), *Emotion and Social Behavior*. Newbury

- Park: Sage, 1992, chap. 8, 202-221.
- MILNER, J.-C. *De la syntaxe à l'interprétation. Quantités, insultes, exclamations*. Paris: Seuil, 1978.
- MOLINO, J. La connotation. *La Linguistique*, 1971, VII-I: 5-30.
- MONTANDON, C. Un mécanisme de contrôle social: la honte. Analyse d'un concept négligé. *Revue européenne des sciences sociales*, 1982, 20, fasc. 62: 23-61.
- MYERS, F. R. The logic and meaning of anger among Pintupi Aborigines. *Man*, 1988, 23: 589-610.
- NIEMEYER, S.; DIRVEN, R. (eds). *The Language of Emotions*. Amsterdam: Benjamins, 1997.
- NISSENBAUM, H. F. *Emotion and Focus*. Stanford: CSLI, 1985.
- NOAILLY, M. Encore des insultes. *Cahiers de grammaire*, 1983, 6, Université de Toulouse-Le Mirail.
- NORRICK, N. R. Expressive illocutionary acts. *Journal of Pragmatics*, 1978, 2-3: 277-291.
- NOWAKOWKA, M. *The Language of Motivations and the Language of Actions*. La Haye: Mouton, 1973.
- OCHS, E. From feeling to grammar: a Samoan case study. In: SCHIEFFELIN, B.; _____. (eds), *Language Socialization across Cultures*. Cambridge: CUP, 1986, p. 251-272.
- OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. Language has a heart. *Text*, 1989, 9-1: 7-25.
- OLIVIER, C. *Traitement pragmatique des interjections en français*. Thèse de troisième cycle, Toulouse-le-Mirail, 1986.
- OMONDI, L. N. *Dholuo emotional language: An overview*. In: NIEMEYER, S.; DIRVEN, R. (eds), 1997, p. 89-109.
- ORTONY, A.; CLORE, G. L.; FOSS, M. A. The referential structure of affective lexicon. *Cognitive Science*, 1987, 11: 341-364.
- OSGOOD, C. E.; SUCI, G. J.; TANNENBAUM, P. H. *The Measurement of Meaning*. Urbana: Univ. of Illinois Press, 1957.
- OSGOOD, C. E.; MAY, W. H.; MIRON, M. S. *Cross-Cultural Universals of Affective Meaning*. Urbana: Univ. of Illinois Press, 1975.
- OSMOND, M. The prepositions we use in the construct of emotions: Why do we say fed up with but sick and tired of? In: NIEMEYER, S.; DIRVEN, R. (eds), *The Language of Emotions*. Amsterdam: Benjamins, 1997, p. 111-133.
- PARRET, H. *Les Passions. Essai sur la mise en discours de la subjectivité*. Bruxelles: Mardaga, 1986.

- PLANTIN, C. La genèse discursive de l'intensité. Le cas du 'si' intensif. *Langages*, 1985, 80: 35-53.
- PLENAT, M. Quatre notes sur la morphologie des hypocoristiques à redoublement. *Cahiers de grammaire*, 1982, 5, Univ. de Toulouse-Le Mirail.
- PRAGMATICS AND COGNITION. 1993, 1-2: Sémiotique de l'affect.
- PROTÉE. 1993, 21-2: Sémiotique de l'affect.
- RASTIER, F. (éd.). *L'analyse thématique des données textuelles. L'exemple des sentiments*. Paris: Didier, 1995.
- RÉSEAUX. 1995, 70, mars-avril: Médias, identité, culture des sentiments.
- RINTELL, E. M. But how did you FEEL about that? The learner's perception of emotion in speech. *Applied Linguistics*, 1983, 5-3: 255-264.
- ROSALDO, M. Z. *Knowledge and Passion: Ilongot Notions of Self and Social Life*. Cambridge: CUP, 1980.
- ROSIER, I. Interjections et expression des affects dans la sémantique du XIII^e siècle. *Histoire Epistémologie Langage*, 1992, 14-2: 61-84.
- ROUSSEAU, J.-J. *Essai sur l'origine des langues*. La Bibliothèque du Graphe (d'après l'édition A. Belin, 1817), 1969.
- RUWET, N. *Grammaire des insultes et autres études*. Paris: Seuil, 1982.
- _____. Être ou ne pas être un verbe de sentiment. *Langue Française*, 1994, 103: 45-55.
- SAPIR, E. *Language: An introduction to the study of speech*. New York: Harcourt Brace Jovanic, 1921. [Trad. fçse: *Le langage*, Petite bibliothèque Payot, 1967].
- SAPIR, E. Speech as a personality trait. *The American Journal of Sociology*, 1927, 32: 892-905.
- SAUVAGEOT, A. *Les procédés expressifs du français contemporain*. Paris: Klincksieck, 1957.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The Ethnography of Communication*. New York: Basil Blackwell, 1982.
- SCHEFF, T.S. Shame and conformity: the deference emotion system. *American Sociological Review*, 1988, 53: 395-406.
- SCHERER, K.; WALLBOTT, H. C.; SUMMERFIELD, A. B. (eds). *Experiencing emotion. A cross-cultural study*. Cambridge: CUP; Paris: MSH, 1986.
- SCHIEFFELIN, E. Anger and shame in the tropical forest. On affects as a cultural system in Papua New Guinea. *Ethos*, 1983, 11-3: 181-191.
- SEARLE, J. R. *Sens et expression*. Paris: Minuit, 1982.
- SEARLE, J. R.; VANDERVEKEN, D. *Foundations of Illocutionary Logic*. Cambridge: CUP, 1985.

SHAVER, P. H.; WU, S. H.; SCHWARTZ, J. Cross-cultural similarities and differences in emotion and its representation. In: CLARK, M.S. (ed.), *Emotion*. Newbury Park: Sage, 1992, p. 175-212.

SHERZER, J. La parole chez les Abipone. Pour une ethnographie de la parole. *L'Homme*, 1970, X-1: 40-76.

SHIMANOFF, S. B. Gender perspective on facework: Simplistic stereotypes vs complex realities. In: TING-TOOMEY, S. (ed.), *Theories in Interpersonal Communication*, 1994, p. 159-207.

SHWEDER, R. A.; LEVINE, R. (eds). *Culture Theory. Essays on Mind, Self, and Emotion*. Cambridge: CUP, 1984.

SIBLOT, P. Du sens dans les formes exclamatives. *Faits de langue*, 1995, 6: 163-170.

SIFIANOU, M. S. The use of diminutives in expressing politeness: Modern Greek versus English. *Journal of Pragmatics*, 1992, 17-2: 155-173.

SOLOMON, R. C. The crosscultural comparison of emotion. In: MARKS, J.; AMES, R.T. (eds), *Emotions in Asian Thought*. Albany: State University of New York Press, 1995, p. 253-308.

SPITZER, L. *Études de style*. Paris: Gallimard, 1970.

_____. La publicité américaine comme art populaire. *Poétique*, 1978, 34 [1ère éd. 1949].

STANKIEWICZ, E. Problems of emotive language. In: SEBEOOK, T. et al. (eds), *Approaches to Semotics*. La Haye: Mouton, 1964, p. 239-264.

TAAVITSAINEN, I. Interjections in early modern English: From imitation of spoken to conventions of written language. In: JUCKER, A. J. (ed.), *Historical Pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

TANNEN, D. New York Jewish conversational style. *International Journal of the Sociology of Language*, 1981a, 30: 133-149.

_____. The machine gun question: An example of conversational style. *Journal of Pragmatics*, 1981b, 5-5: 383-397.

_____. *That's Not What I MEANT! How conversational style makes or breaks your relations with others*. New York: William Morrow, 1986.

_____. *Talking voices. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: CUP, 1989.

TAPPOLET, C. Les émotions et les concepts axiologiques. *Raisons pratiques*, 1995, 6: 237-257.

TERRAIN. 1994, 22, mars: Les émotions.

THEVENOT, L. Émotions et évaluations dans les coordinations publiques. *Raisons pratiques*, 1995, 6: 145-174.

THIMM, C.; KRUSE, L. The power-emotion relationship in discourse. Spontaneous expression of emotions in asymmetric dialogue. *Journal of Language and Social*

Psychology, 1993, 12-1/2: 81-102.

TING-TOOMEY, S. (ed.). *The Challenge of Facework. Cross-Cultural and Interpersonal Issues*. Albany: State Univ. of New York Press, 1994.

TRIMBOLI, A.; WALKER, M. B. Nonverbal dominance in the communication of affect: The role of verbal and non-verbal content. *Journal of Language and Social Psychology*, 1987, 12-1/2: 180-190.

TSOHATZIDIS, S. L. Emotional states and linguistic events. A study of conceptual misconnections. *Pragmatics and Cognition*, 1993, 1-2: 229-243.

TZENG, C. S.; HOOSAIN, R.; OSGOOD, C. E. Cross-cultural componential analysis on affect attribution of emotion terms. *Journal of Psycholinguistic Research*, 1987, 16-5: 443-465.

ULLMANN, S. *Précis de sémantique française*. Berne: Francke, 1952.

UNGERER, F. Emotions and emotional language in English and German news stories. Document distribué lors du colloque *Le langage des émotions*, Duisbourg, avril, 1995.

VANDERVEKEN, D. *Les actes de discours*. Bruxelles: Mardaga, 1988.

VAN GINNEKEN, J. *Principes de linguistique psychologique*. Paris: Marcel Rivière, 1907.

VERSCHUEREN, J. *What people say they do with words*. Norwood (NJ): Ablex, 1985.

VINAY, J.-P.; DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1958.

VINCENT-BUFFAULT, A. *Histoire des larmes, XVIIIe-XIXe siècles*. Paris: Rivages, 1986.

VOLEK, B. *Emotive signs in language and semantic functioning of derived nouns in Russian*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.

WATSON-GECEO, K. A.; WHITE, M. (eds). *Disentangling. Conflict Discourse in Pacific Societies*. Stanford (Cal.): Stanford Univ. Press, 1990.

WHITE, G. M. Moral discourse and the rhetoric of emotions. In: LUTZ, C. A.; ABU-LUGHOD, L. (éds), *Emotion*, 1990, p. 46-68.

WIERZBICKA, A. Problems of expression: Their place in the semantic theory. In: REY-DEBOVE, J. (éd.), *Recherches sur les systèmes signifiants*. La Haye/Paris: Mouton, 1973, p. 145-164.

WIERZBICKA, A. Antitotalitarian language in Poland: Some mechanisms of linguistic self-defense. *Language in Society*, 1980, 19-1: 1-59.

_____. Different cultures, different languages, different speech acts. Polish vs English. *Journal of Pragmatics*, 1985, 9-2/3: 145-178.

_____. Human emotions: Universal or culture specific? *American Anthropologist*, 1986, 88: 584-594.

- _____. *English Speech Acts Verbs: A Semantic Dictionary*. Sydney: Academic Press, 1987.
- _____. L'amour, la colère, la joie, l'ennui — la sémantique des émotions dans une perspective transculturelle. *Langages*, 1988, 89: 97-107.
- _____. *Cross-Cultural Pragmatics. The Semantics of Human Interaction*. Berlin: Mouton, 1991.
- _____. *Semantics, Culture, and Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- _____. A conceptual basis for cultural psychology. *Ethos*, 1993a, 21: 205-231.
- _____. Reading human face. Emotion components and universal semantics. *Pragmatics and Cognition*, 1993b, 1-1: 1-23.
- _____. Document distribué lors du colloque *Le langage des émotions*, Duisbourg, avril, 1995.
- _____. A response to Michael Bamberg. In: NIEMEYER, S.; DIRVEN, R. (eds), 1997, p. 227-229.
- WIKAN, U. Shame and honour: a contestable pair. *Man*, 1984, 19: 635-652.
- WINDISCH, U. *Le K.O. verbal. La communication conflictuelle*. Paris: L'Âge d'Homme, 1987.
- WINKIN, Y. *Anthropologie de la communication*. Paris/Bruxelles: De Boeck, 1996.
- ZAGNOLI, N.; ROUX, M. (éds). *Ne pas perdre la face*. Vaucresson: Centre National de Formation et d'Études de la Protection Judiciaire de la Jeunesse, 1993.
- ZIFF, P. *Semantic Analysis*. Ithaca: Cornell University Press, 1960.